

ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ■ MAIO DE 1991



A LIAHONA

MAIO DE 1991



Na Capa:
Elsa Maria Tolentino, de Santo Domingo, Missão República Dominicana Santiago, uma das missionárias nascidas no país, que compreendem 40 por cento do total de missionários na República Dominicana. Vide "Santos da República Dominicana", página 10.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A SAGRADA LEI DO DÍZIMO PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY	2
COM MEUS PRÓPRIOS OLHOS PAMELA J. TAYLOR	7
SANTOS DA REPÚBLICA DOMINICANA ELIZABETH E JED VANDENBERGHE	10
DISCIPLINA POSITIVA MARILYN WHITAKER	25
A VIDA DE CRISTO, II PARTE PINTURAS DE CARL HEINRICH BLOCH	32
A RECOMENDAÇÃO PARA O TEMPLO E MEU PAI ÉLDER L. TOM PERRY	42

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

"SEJAM HONESTOS COMO O JULIUS" JULIUS B. CAESAR	8
PERGUNTAS E RESPOSTAS: REJEITAR A TENTACÃO DE TOMAR DROGAS	26
SABER NO CORAÇÃO SHIRLEY PULLEN	30
DIZE-ME COM QUEM ANDAS... CHRIS CROWE	46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MANUAL PARA FAMÍLIAS: COMO AJUDAR OS FILHOS A OBTER TESTEMUNHO	18
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: NOSSO VALOR DIVINO	24

SEÇÃO INFANTIL

JOSEPH SMITH KELLENE RICKS	2
FICÇÃO: RAINHA DE MAIO BARBARA WELLS	4
HINO: O ESPÍRITO SANTO JEANNE P. LAWLER	7
EXPLORANDO: MEUS AMIGOS, OS HMONGS JENNIFER BRASS JENKINS E SANDY BRASS JENKINS	8
TEMPO DE COMPARTILHAR: EDIFICAR SOBRE A MINHA ROCHA LAUREL ROHLFING	10
DE UM AMIGO PARA OUTRO: HOWARD W. HUNTER	12
FAZER AMIZADES: SATU MERENLUOTO DE TURKU, FINLÂNDIA LAWRENCE CUMMINS	14

MAIO de 1991, Vol. 44, nº 5
91985 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S.
Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L.
Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A.
Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell
Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg,
Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L.
Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Controlador: Diana W. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - R.J)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob

nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas
deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 1.500,00; para
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua
Aquiles Machado, 5M51 - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual

Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea,
US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 125,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas

indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número

93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de

9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada

mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês,
finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,

norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e
tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês;

e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua
21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à

orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito
de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não

obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação
da redação e da equipe internacional do "International

Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly
by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East

North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class
postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional

mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per
single copy. Thirty days' notice required for change of

address. When ordering a change, include address label
from a recent issue; changes cannot be made unless both the

old address and the new are included. Send U.S.A. and
Canadian subscriptions and queries to Church Magazines,

50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,
U.S.A. Subscription information telephone number 801-

240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,
U.S.A.

50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,
U.S.A.

50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,
U.S.A.

COMENTÁRIOS

CHEIO DE AMOR

Como membro novo da Igreja, ainda
tenho muito que aprender. Raras
publicações conseguem tocar meu coração
como o *Shentao Che Cheng* (chinês).
Fiquei profundamente tocado e não pude
deixar de chorar quando li os discursos das
Autoridades Gerais no relatório da 160ª
conferência geral semestral. O número
inteiro da revista está repleto de amor e
espiritualidade. Outros membros de minha
ala também ficaram impressionados pelas
mensagens da revista.

Sou muito grato pela bênção do Pai
Celestial de minha esposa e eu sermos
membros da Igreja verdadeira. Vivemos
diligentemente os princípios do evangelho,
a fim de ensinarmos nossos filhos, e
esperamos que um dia ambos sirvam como
missionários da Igreja.

Tung-Chi Chiang

Ramo Hsin-Chu

Distrito Hsin-Chu Taiwan

SUGESTÕES

A revista *Liahona* (espanhol) é fonte de
contínua inspiração e motivação para mim
e para minha família. Sei que para
milhares de famílias também o é. Meu
filho de oito anos tem sua própria
assinatura há um ano, e minha esposa e eu
temos uma assinatura para cada um.

Muitos discursos e histórias da revista
têm-me ajudado, como segundo
conselheiro na presidência da estaca, a
motivar nossos irmãos a fazerem o que o
Senhor deseja.

Entretanto, tenho notado
ultimamente, que são poucos os discursos
e artigos sobre o templo e a história da
família. Gostaria que dedicassem um
número da revista a esses assuntos.
Discursos de Autoridades Gerais, artigos

sobre sacrifício, fé, lealdade e dedicação a
esses dois importantes assuntos poderiam
ser alguns dos temas abordados pela
revista.

Israel Rubalcava López

Puebla, México

NÃO-MEMBRO

No ano passado, um amigo, que é
membro da Igreja, emprestou-me alguns
números da *Liahona* (espanhol). O
primeiro que li foi o de janeiro de 1990,
contendo o relatório da conferência geral
de outubro de 1989. Havia lindos artigos
sobre o Pai Celestial, e compreendi como é
importante e valioso ler as palavras do
profeta do Senhor.

Já li diversos números dessa
maravilhosa revista. Baseado em minha
experiência, penso poder dizer que as
escrituras me ensinam a teoria do viver
justo, e a revista me dá forças para aplicar
a teoria.

Aprecio tanto a *Liahona*, que desejo ter
minha própria assinatura, mesmo não
sendo membro da Igreja.

Victor Manuel Villegas Pérez

Veracruz, México

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos leais
leitores e pedimos que nos enviem cartas,
artigos e histórias. A língua não representa
barreira. (Favor incluir nome completo,
endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito.)
Apreciamos as cartas e artigos que já
recebemos e aguardamos com prazer mais
cartas de nossos leitores. Nosso endereço é:
*International Magazines, 50 East North
Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,
USA.*



A Sagrada Lei do Dízimo

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Mais uma vez ouvi o Presidente Heber J. Grant, com a voz vibrando de convicção, prestar testemunho da sagrada lei do dízimo e das maravilhosas promessas aos que são honestos no pagamento do dízimo e ofertas. O que ouvi causou-me profunda impressão.

Freqüentemente são citadas aqui as palavras do profeta Malaquias: “Roubará o homem a Deus? todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? nos dízimos e nas ofertas alçadas.

Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação.

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.

“Serei eternamente grato a meus pais, que me ensinaram a pagar o dízimo. Estou para encontrar um dizimista fiel que não possa testificar das bênçãos que os céus derramaram sobre ele.”

"Rogo aos jovens que estabeleçam esse hábito na juventude e resolvam ater-se a ele todos os dias de sua vida."

E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.

E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos." (Malaquias 3:8-12.)

Eu sabia que quem fazia tais promessas era o Senhor, o Deus dos céus. Sabia que ele estava em posição de cumprir suas promessas e vim a aprender que ele o faz.

Serei eternamente grato a meus pais que, desde que me lembro, ensinaram-nos a pagar o dízimo. Naqueles dias, o bispo da ala a quem pertencíamos não tinha um escritório na capela. Íamos à casa dele para o acerto do dízimo. Ainda me recordo da sensação de temor que senti ao entrar naquela casa, ainda menino, para o acerto de dízimo com o bispo John C. Duncan. A quantia era de apenas vinte e cinco centavos de dólar, pois a mesada costumava ser pequena naqueles tempos magros, mas o dízimo era pago com honestidade, segundo nossos cálculos infantis, seguindo uma quadrinha que costumávamos recitar na Escola Dominical:

*O que é o dízimo? Vou lhe contar.
São dez de cem, e um de dez.*

Jamais consideramos sacrifício pagar o dízimo. Era uma obrigação, e achávamos que, mesmo como crianças pequenas, estávamos cumprindo o dever para com o Senhor, além de ajudar sua igreja na grande obra que lhe fora designada.

Não o fazíamos esperando bênçãos materiais, embora possamos testificar que fomos abençoados. O Senhor abriu as janelas do céu e derramou bênçãos em maravilhosa abundância. Sei que ele abençoará todos os que obedecerem a esse mandamento.

Por favor, não me entendais mal. Não estou dizendo que, se pagardes o dízimo, concretizareis vossos sonhos de uma bela casa, um carro de luxo e casa de praia no Havaí.

O Senhor abrirá as janelas do céu de acordo com nossas necessidades, não de acordo com nossa cobiça. Se pagamos o dízimo para ficar ricos, estamos agindo por motivo errado. O propósito fundamental do dízimo é proporcionar à Igreja os meios necessários para levar avante sua obra. A bênção ao pagador é uma consequência secundária e nem sempre, necessariamente, em forma de benefício financeiro ou material. Falando em abrir as janelas do céu, diz o Senhor:

"... repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo não vos será estéril..."

E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos." (Malaquias 3:11-12.)

Existem muitas maneiras de o Senhor nos abençoar com as riquezas do mundo. Temos o grande dom da saúde. O Senhor prometeu que repreenderá o devorador por nossa causa. Malaquias fala dos frutos de nossas terras. E essa repreensão ao devorador não pode aplicar-se a vários de nossos interesses e esforços?

Existe a grande bênção da sabedoria, do conhecimento, até mesmo de tesouros ocultos de conhecimento. É-nos prometido que nossa terra será deleitosa e, se obedecermos a essa lei, posso interpretar o termo *terra* como povo que, obedecendo à lei, será um povo deleitoso. Que maravilha é ser um povo deleitoso, a quem os outros consideram bem-aventurado!

Nos últimos tempos ouvimos dizer que algumas pessoas não podem pagar o dízimo devido a dificuldades econômicas. Lembro-me de uma experiência tida quando era presidente de estaca. Um irmão, conhecido meu, procurou-me para que eu assinasse sua recomendação para o templo. Entrevistei-o da forma costumeira, perguntando, entre outras coisas, se estava pagando honestamente o dízimo. Respondeu candidamente que não, por estar endividado. Fui levado a explicar-lhe que jamais conseguiria saldar suas dívidas sem antes pagar o dízimo.



Ele continuou vivendo assim por um ou dois anos, e depois tomou uma decisão. Passado algum tempo, falou-me a respeito: "O que o irmão me disse é verdade. Eu achava que não podia pagar o dízimo por causa das dívidas. Descobri que, por mais que me empenhasse, não conseguia reduzir o meu débito. Minha mulher e eu conversamos seriamente a respeito e resolvemos pôr a promessa do Senhor à prova. E assim fizemos. De uma maneira que não consigo explicar, o Senhor tem-nos abençoado. O dinheiro que damos não nos faz falta e, pela primeira vez em muitos anos, estou conseguindo reduzir nossas dívidas. Aprendemos a orçar nossos gastos, verificando para onde ia nosso dinheiro. Como agora temos um objetivo maior, conseguimos restringir certos desejos e apetites. E entendemos que agora podemos ir à casa do Senhor com a consciência tranqüila, como pessoas merecedoras dessa maravilhosa bênção."

Podemos pagar o dízimo. Não é tanto uma questão de dinheiro como uma questão de fé. Ainda estou para encontrar um dizimista fiel, que não possa testificar de maneira muito literal e maravilhosa, como as janelas do céu se abriram, derramando bênçãos sobre ele.

Exorto-vos, irmãos, cada um de vós, a acatardes a palavra do Senhor nessa importante questão. Foi ele quem deu o mandamento e fez a promessa.

Voltemos a Néfi, que naquele tempo de dificuldades e preocupações disse aos irmãos: "Sejamos fiéis aos mandamentos do Senhor, pois ele é mais poderoso que todo o mundo." (1 Néfi 4:1.)

De todo o coração, rogo aos santos que sejam honestos com o Senhor no pagamento do dízimo e ofertas. Rogo aos jovens que estabeleçam esse hábito na juventude, e resolvam ater-se a ele sempre. Rogo aos oficiais da Igreja que apelem ao povo em favor do incremento de sua fidelidade no pagamento do dízimo e das ofertas, para seu próprio benefício.

É um milagre para mim que a Igreja seja capaz de realizar tanta coisa. Um milagre possibilitado pela fé, sob

um plano instituído pelo Senhor para o financiamento do seu reino.

O dízimo é algo muito simples e claro. Conforme se aplica a nós, o princípio na verdade está exposto no versículo 4 da seção 119 de Doutrina e Convênios:

"E, depois disso, (após os santos ofertarem 'sua propriedade de sobra' ao bispo em 1838), os que assim tiverem pago o seu dízimo, pagarão um décimo de todos os seus juros anuais; e isto lhes será uma lei perpétua, e para o meu santo sacerdócio, para sempre, diz o Senhor."

Este quarto versículo consiste de trinta e oito palavras. Comparai-o aos volumosos e complexos códigos fiscais promulgados e aplicados pelos governos. Num caso, apenas um breve enunciado do Senhor, ficando o pagamento à responsabilidade do indivíduo e motivado pela fé. No outro, um emaranhado regulamento criado pelo homem e imposto pela lei.

O Senhor impôs uma imensa responsabilidade à Igreja. O dízimo é a sua fonte de renda, para levar avante as atividades designadas. A necessidade é sempre maior que a disponibilidade.

Deus nos ajude a sermos fiéis na observância desse grande princípio do dízimo, que provém dele, com sua maravilhosa promessa. □

..... IDÉIAS PARA DEBATE

1. O Senhor faz maravilhosas promessas àqueles que são honestos no pagamento do dízimo.

2. Saúde, sabedoria, conhecimento, capacidade de ser um povo deleitoso e o privilégio de ver o devorador reprimido por nossa causa, são alguns dos meios com que o Senhor nos abençoa quando cumprimos a lei do dízimo.

3. O dízimo se paga mais com fé do que com dinheiro.

4. O Senhor impôs à Igreja uma imensa responsabilidade, e o dízimo é o recurso financeiro da Igreja.

Pamela J. Taylor

Com Meus Próprios Olhos

Só consigo enxergar dez por cento do que me rodeia — principalmente objetos grandes e que se movem lentamente. Isto, porém, mudou por alguns momentos certa tarde.

Pareceu-me estar sozinha, sentada numa colina sombreada. A relva cobria a terra, qual tapete verde, e eu apreciava o perfume de rosas perto de mim. Ajoelhei-me para tocar cada uma delas, grata por poder enxergar uma pequena parte do mundo encantador de Deus.

Subitamente, percebi um movimento perto de mim. Depois ouvi um chilreio mais além. *Deve ser um passarinho*, pensei, desejando poder vê-lo. Eu nunca vira uma ave de verdade, apenas ilustrações delas em livros. Nem nunca poderia: eram pequenas demais e seu vôo é muito rápido.

Meu pulso disparou quando tive o vislumbre de algo marrom. Esforcei a vista até poder afirmar que aquilo *era* um passarinho. Fiquei olhando assombrada, vendo a ave estender as asas majestosamente diante de mim. Retive o fôlego, não querendo espantá-la.

Ela demorou-se apenas um pouco e quando desapareceu no céu azul, eu chorei copiosamente. Eu enxergara algo tão maravilhoso que tinha vontade de ver mais.

Logo me passou outra idéia pela mente. Se pudesse enxergar

perfeitamente, talvez não valorizasse cada imagem preciosa, como faço agora. Talvez não pudesse perceber tão claramente a beleza interior, nem ter a compaixão que aprendi com meu próprio sofrimento. Era um gentil lembrete da vontade do Senhor para mim. Eu poderia servi-lo melhor em minha situação atual.

Enxuguei os olhos. “Sou-te grata, Senhor”, orei, “por me teres permitido ver um passarinho.” □

Pamela J. Taylor vive na Ala Valley Park, Estaca Bennion Utah Leste.





Sou feliz de ser um santo dos últimos dias aqui nas Filipinas e gosto de falar disso com meus amigos. Minha religião ensinou-me muitas coisas de que meus amigos não sabem, e uma delas é a honestidade. A honestidade é um meio simples de ensinar meus amigos a respeitarem minha religião e a mim. Uma experiência recente prova isso.

Eu havia ido para a escola sem comer nada pela manhã, e durante as aulas meu estômago ficou roncando de fome. Por isso, durante o recreio, fui correndo à barraca de churrasquinho mais próxima. Pedi dois espetinhos de carne, comi e voltei para a escola.

Quando a professora mandou copiar alguma coisa no

caderno, fui pegar a caneta no bolso e aí encontrei o dinheiro do churrasquinho. No mesmo instante saí correndo da sala para ir pagar o meu lanche. O vendedor ficou tão contente, que me deu um churrasquinho grátis.

Voltei para a classe sorrindo, mas encontrei uma professora muito zangada. Eu havia esquecido de pedir licença para sair, e ela quis saber o que estava acontecendo.

Contei-lhe o caso todo e, para minha surpresa, ela me abraçou e disse à classe: "Classe, quero que sejam honestos como o Julius."

Perguntou-me por que eu devolvi o dinheiro, uma vez que seria fácil ficar com ele. Respondi: "Porque sou um

"SEJAM HONESTOS COMO O JULIUS"

Julius B. Caesar

diácono, e o bispo não deixaria que eu distribuísse o sacramento se não fosse digno." Ela não entendeu bem o que eu estava falando e tornou a perguntar por que eu não ficara com o dinheiro.

Respondi: "Porque creio em ser honesto."

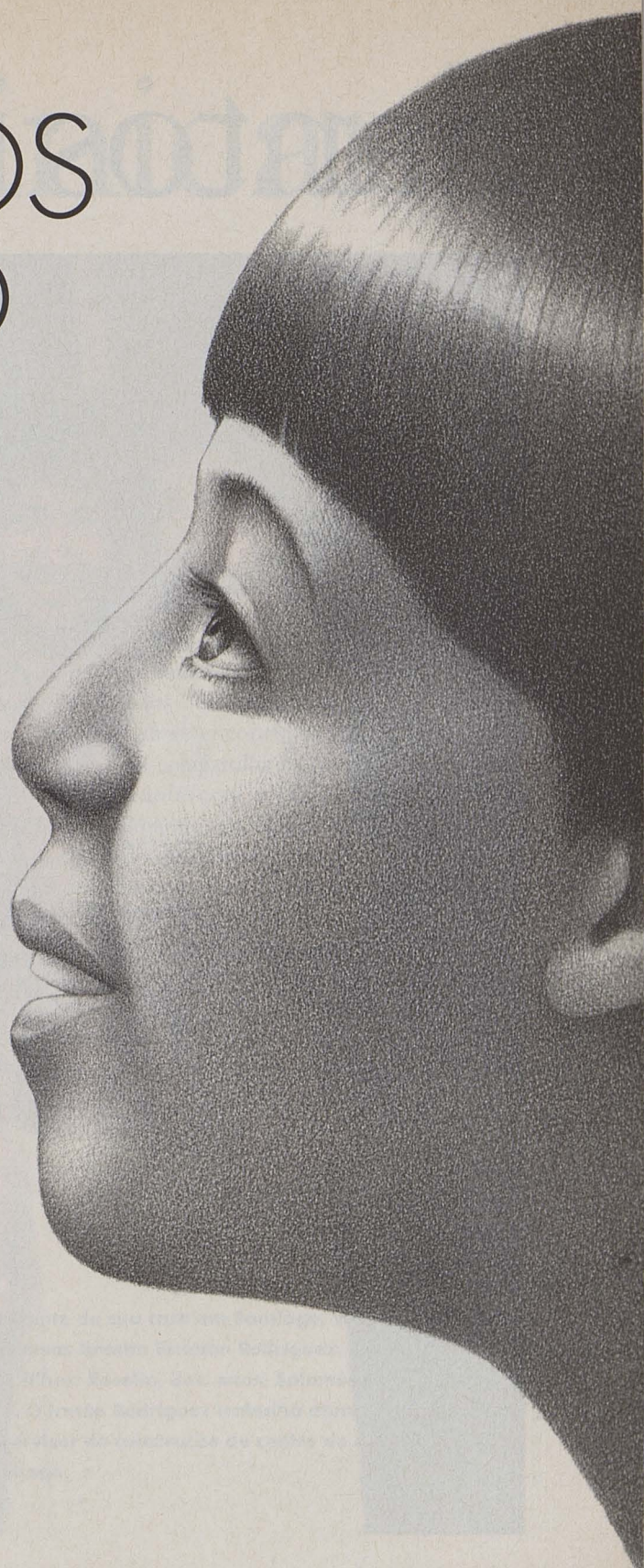
"Por que? Qual é a sua religião?" ela quis saber.

"Sou mórmon", respondi sem hesitação.

"Oh, então é por isso que você foi honesto."

Minha professora fez com que me sentisse um gigante naquele dia. Estou contente de haver seguido a décima terceira regra de fé: "Cremos em ser honestos, verdadeiros..." A honestidade é verdadeiramente a melhor política. □

ILUSTRADO POR STELE KROPP



Santos da Repúbl



FOTO DE ED VAN DER BEEKHE

olica Dominicana

O enorme crescimento da Igreja na República Dominicana trouxe bênçãos e desafios. Membros e líderes desta ilha do Caribe olham o futuro com otimismo.

Elizabeth e Jed VanDenBerghe

Se há dez anos se perguntasse a alguém, na República Dominicana, sobre A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias, provavelmente só se encontraria um olhar vazio. O pequeno país que compartilha os dois terços ocidentais da ilha Hispaniola com o Haiti, fica a somente novecentos quilômetros da Flórida. Até 1978, o único contato que os dominicanos tinham com a Igreja eram os “comerciais”, como eram chamados — mensagens familiares transmitidas pela televisão, patrocinadas por uma igreja que ninguém conhecia.

Agora, depois de três estacas, duas missões, seis distritos e mais setenta alas e ramos, praticamente todos sabem a respeito dos santos dos últimos dias. A congregação da Igreja passou de seis membros em 1978 para mais de vinte e cinco mil em 1990. Em áreas que

Em frente de sua casa em Santiago, vemos os recém-conversos Antolín Esteban Rodríguez, sua esposa, Rosa e os filhos: Roselin, dois anos; Salomón, cinco; Rolín, oito. O irmão Rodríguez trabalha atualmente como supervisor de construção do centro de estaca de Santiago.

vão da capital, Santo Domingo, às cidades rurais ao longo das praias do Mar do Caribe, são encontrados santos dos últimos dias em todas as classes sociais e em quase todas as profissões.

Esse impressionante crescimento começou no verão de 1978, quando duas famílias SUD, uma norte-americana e outra dominicana, transferiram-se dos Estados Unidos para Santo Domingo. Elas começaram a falar da Igreja que ninguém conhecia, e em pouco tempo diversas famílias se batizaram.

Em novembro, chegaram os missionários. No dia 7 de dezembro, o Élder M. Russell Ballard dedicava o país para o serviço missionário... tudo isso em 1978, o mesmo ano em que o Presidente Spencer W. Kimball anunciou a revelação de que todos os homens dignos da Igreja podiam ser portadores do sacerdócio. Num país em que uma crescente congregação de pessoas de língua espanhola, africana e outras origens raciais exige um incremento igualmente rápido de portadores do sacerdócio, é fácil concordar com a sensação dominicana de “nosso tempo chegou”.

Como outros membros em todo o mundo, os dominicanos gozam das bênçãos dos programas da Igreja para as famílias e a juventude, mas também como seus irmãos, lutam com responsabilidades e aspirações que parecem requerer tudo o que têm. Desejam manter a unidade como membros da Igreja e eliminar as brechas entre classes sociais. Querem preparar a juventude para papéis de liderança numa igreja jovem que se expande rapidamente. Querem sustentar a família economicamente e ajudar as mulheres a enfrentar os desafios que elas encontram em qualquer parte do mundo moderno.

Perguntando-se a membros dominicanos como eles se arranjam, veremos que eles tiveram algumas boas idéias. Alguns desafios são mais difíceis de resolver que outros. Alguns — como a falta de energia que diariamente pode interromper de repente reuniões e atividades noturnas — parecem fora de controle. Trabalhando juntos, todos se conservam esperançosos quanto ao futuro que se iniciou com um passado tão promissor.



Alto: Rafael Dilone trabalha como sapateiro em casa. Ele e Miledy, sua esposa, filiaram-se recentemente à Igreja em Santiago. Em baixo: Domingo Cruz fotografado aqui com uma de suas filhas, Blanca María, é presidente do Ramo Villa Olga em Santiago. Técnico de laboratório de análises clínicas, cria passarinhos em seu jardim, como passatempo.

TODOS JUNTOS

Na primeira visita à Igreja, Ramón Abreu, de Santo Domingo, percebeu que “não era uma igreja com os ricos de um lado e os pobres do outro, como vira em outras religiões. Todos estavam juntos, exatamente como eu sempre imaginara que seria a igreja do Senhor”.

A união e o calor que permeiam as reuniões sacramentais, festas da ala e mesmo pequenas reuniões de liderança na República Dominicana atestam o quanto os membros trabalharam para que “seus corações (fossem) entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros”. (Mosiah 18:21.) Percebe-se isto nas reuniões que terminam com abraços carinhosos entre os membros, em bailes de distrito nos quais todos se dão as mãos e realmente se divertem juntos, e nas entusiastas visitas, entre amigos, de mestres familiares e professoras visitantes.

A unidade dos irmãos não pode ser simplesmente

atribuída à hospitalidade e ao calor humano dominicano. Líderes e membros igualmente, tudo fazem para manter-se unidos e para cooperarem uns com os outros, uma tarefa nem sempre fácil quando pessoas de todas as classes sociais se juntam, como acontece na Igreja. Pessoas que de outro modo permaneceriam distantes social, geográfica e mesmo religiosamente falando, necessitam de liderança inspirada, e é justamente isto que proporcionam líderes da Igreja como o presidente do Distrito Santiago Ramón Lantigua e sua esposa Victoria.

“Orei muito a respeito do problema de diferenças de classe”, comenta Ramón. Ele notou que, às vezes, nas reuniões da Igreja, as irmãs de alta classe social se abraçavam ao cumprimentar-se, mas não o faziam com as outras irmãs. “O Senhor agiria assim se estivesse aqui — sorrir somente para a alta sociedade?” questionava Ramón. Victoria preocupava-se com atividades como trocas de presentes “que para os ricos não são problema, mas os membros mais pobres precisam economizar bastante para comprar apenas uma pequena lembrança”.

Servindo agora como presidente da Sociedade de Socorro da ala, Victoria planeja atividades que evitem revelar diferenças de classe social e que valorizem os talentos de todas as irmãs. O Presidente Lantigua incentiva os líderes a darem o bom exemplo, tratando a todos “igualmente e como um filho de Deus. Afinal, os membros seguem o exemplo de seus líderes”.

O resultado? Uma união que faz membros novos, antigos e não-membros sentirem-se muito bem-vindos. Quando Lillian e César Lozano foram batizados em 1989, depois de terem vivido nos Estados Unidos, Espanha e Porto Rico, eles foram tão calorosamente recebidos pelos membros dominicanos que “soubemos que esta devia ser a igreja de Deus. As pessoas eram tão bondosas entre si”.

ORIENTAR A JUVENTUDE

Os líderes comparecem a todas as atividades de Rapazes e Moças na República Dominicana — não apenas os líderes da juventude, mas também bispos,

presidentes de estaca, conselheiros e as líderes da Sociedade de Socorro. Enquanto os jovens de Santiago dançam o *merengue* numa atividade de distrito, a presidência do distrito fica coordenando a música, e mesmo dançando de vez em quando. Após as aulas do seminário às sextas-feiras, um presidente de ramo prepara um sanduíche de presunto e queijo quente para os estudantes.

“Nossa juventude enfrenta as mesmas tentações de todos os jovens”, diz María Pena Díaz, a jovem presidente das Moças da estaca em Santo Domingo. “Rádio, televisão, filmes — tudo os incentiva a não se conservarem castos.” Os líderes lutam também contra o costume do casamento consensual e da popularidade da bebida entre a juventude dominicana. “É um desafio ensinar os jovens sobre o casamento no templo”, comenta Martha Polanco, primeira conselheira de María, “quando nem mesmo consideravam o casamento em si tão importante”.

A solução, concordam os líderes, é dedicar muito tempo aos jovens para ajudá-los a crescer espiritualmente. “Procuramos fazer com que as jovens tenham experiências espirituais”, diz María Díaz, lembrando uma ocasião em que todas as jovens da estaca jejuaram em favor de uma jovem que tinha câncer. Quando ela se recuperou, “nós a homenageamos na festa de aniversário da Organização das Moças”, diz María. “Foi uma experiência comovente para todas as jovens e que as aproximou mais do Pai Celestial.”

Como presidente dos Rapazes, Agustín Flete usa a mesma abordagem. “A única maneira de os jovens evitarem as coisas do mundo”, diz ele, “é terem o Espírito consigo.” Conseqüentemente, ele acentua a importância de honrar o sacerdócio e planeja projetos de serviço para os rapazes. Ana Mercedes Torres, presidente da Organização das Moças do Distrito Santiago, fala abertamente às Moças sobre as tentações que enfrentam e ora freqüentemente pelas jovens a seu cargo.

A juventude dominicana tem respondido bem a uma orientação tão dedicada. Eles formam de trinta a quarenta por cento da força missionária nas duas missões

do país. Ocupam cargos de liderança na ala e na estaca aos dezoito ou dezenove anos, e mudaram suas metas segundo a perspectiva do evangelho. Ricardo Beato, dezenove anos, é um exemplo típico. Primeiro conselheiro no Ramo La Vega, Missão Santiago, é professor de uma classe de pesquisadores, lidera o comitê de teatro da ala e tem modificado suas metas desde que se converteu à Igreja.

“Antes de ser membro da Igreja”, diz ele, “minhas metas eram iguais às de outros jovens: desejava coisas materiais. Queria ir para Nova York e ficar rico.” Agora ele quer cumprir missão, freqüentar a universidade e formar uma família feliz.

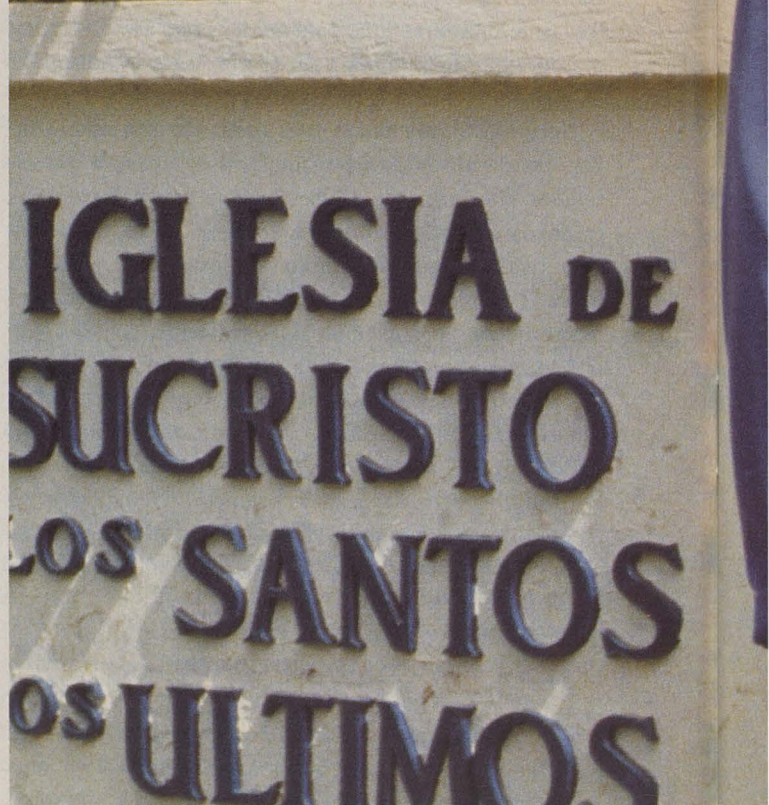
Jorge Domínguez serve como presidente da missão do Distrito Santiago aos vinte e três anos. Depois de filiar-se à Igreja aos quatorze anos, ele se formou no seminário e cumpriu missão. Agora está freqüentando uma faculdade na Pontifícia Universidad Madre e Maestra, onde certa vez respondeu à pergunta feita por seu professor de antropologia: “Por que você é mórmon?” perante trezentos colegas. Um deles batizou-se como resultado de sua resposta.

“São pessoas especiais, entusiastas, de boa vontade”, diz Martha Polanco. “Muitos não têm a família na Igreja, mas fazem tudo o que podem para freqüentar as reuniões e ocupar cargos de responsabilidade na Igreja.” Os líderes dominicanos, por sua vez, utilizam a abordagem de Agustín Flete: “Quando passamos tempo com os jovens, eles sabem que são amados.”

SUPERAR AS DIFICULDADES

Como em toda a parte, os líderes da Igreja na República Dominicana se empenham muito em atender

Faustino e Emma Pichardo, membros do Ramo Libertad do Distrito de Santiago, pensaram a princípio que os missionários que bateram à sua porta, quisessem vender enciclopédia.





às necessidades dos pobres e necessitados. Os membros cooperam como mestres familiares ou simples amigos no evangelho, avaliando as necessidades dos irmãos necessitados. Por exemplo, quando o filho de um membro ficou doente, ele teve meios de pagar as despesas com o médico, mas não para adquirir os medicamentos. Vários membros da ala compraram os comprimidos de que a criança precisava.

Na noite em que voltou de uma viagem ao templo da Cidade de Guatemala, a casa de Ana Mercedes Torres pegou fogo. “Os membros me ajudaram com roupas, com tudo”, diz ela. “Estiveram presentes naquela noite e continuam ajudando.”

Para certos membros, as dificuldades financeiras transformaram o dízimo numa prova de fé. Não obstante, aqueles que venceram essa prova compartilham suas experiências com outros, dando-lhes incentivo e esperança. “Quando me filiei à Igreja”, diz um líder em Santo Domingo, “eu vivia todos os mandamentos exceto o dízimo. Um dia, porém, compreendi que obedecia aos mandamentos porque queria obedecer e porque sabia que o Senhor há de nos ajudar.” Desde aí ele paga o dízimo integralmente. “Tenho recebido muitas bênçãos que não esperava. Agora sou eu quem conta histórias sobre o dízimo!”

As dificuldades financeiras também tornam difícil para certas famílias a ida ao templo. Embora diversas famílias dominicanas tenham ido ao templo nos Estados Unidos, é mais fácil procurar o da Cidade de Guatemala. Ainda assim, a viagem para a Guatemala às vezes exige meses e anos de poupança.

“A inflação existente torna muito difícil economizar neste país”, diz Fausto Ventura, primeiro conselheiro na Missão Santo Domingo. “Eu teria condições financeiras para levar minha família ao templo nos Estados Unidos, mas para a família dominicana média isto é impossível.”

Embora apenas cinco por cento das famílias da Igreja tenham podido ir ao templo, elas continuam a se preparar para serem seladas. Os pais mantêm a visão da eternidade, participam de seminários sobre o templo e esperam ter seu próprio templo um dia.



Alto: Jovens dominicanas como estas moças de Santo Domingo participam ativamente da obra missionária em âmbito de estaca e ala. **Embaixo:** A boa amizade e fraternidade do evangelho é exemplificada por estes jovens santos dominicanos.

NECESSIDADES DAS MULHERES

“Felizmente para as mulheres deste país”, diz Aida Munoz, de Santiago, “a Igreja ajuda todos.” Ela se refere às mulheres que ajudam a prover o sustento da família, às que podem ficar em casa, às casadas, solteiras, e às que dependem das irmãs da Sociedade de Socorro para apoio moral.

Para as pobres, cujo número inclui mulheres solteiras e mães, o apoio educacional da Sociedade de Socorro tem sido incalculável. Reuniões de economia doméstica em que se ensina o preparo de refeições sadias com orçamentos pequenos, como gastar dinheiro com sabedoria e criar filhos responsáveis, são muitas vezes as primeiras fontes de recursos de que as mulheres dispõem. “Por meio das reuniões de economia doméstica tenho sido capaz de ganhar dinheiro extra com o artesanato que aprendemos a fazer”, diz Miledy Dilone.

Mais importante ainda, entretanto, a Sociedade de Socorro oferece apoio afetivo e espiritual a mulheres como Leonarda Pérez de Belvis, que trabalha como empregada doméstica durante o dia, cuida dos filhos à noite e às vezes sente-se desanimada. “É difícil não se desanimar espiritualmente”, diz ela. “Mas eu recebo muito amor das irmãs da ala. Quando alguém se sente mal, nós oramos por ela. Onde mais se encontra tal amor e apoio?”

Muitas irmãs solteiras ocupam cargos de responsabilidade nas alas e ramos da República Dominicana. Para Ana Mercedes Torres, seu chamado como presidente da Organização das Moças de distrito tem “preenchido minha vida. A juventude do distrito tornou-se minha família. Eles também me dão esperança de que um dia meus próprios filhos virão à Igreja.”

Rita Viviana de Cruz representa outro segmento da mulher dominicana. Domingo, seu marido, técnico de laboratório de análises clínicas e presidente do Ramo Villa Olga, pode sustentar sua família de seis pessoas. Rita continua trabalhando, tempo integral, como secretária, mas o casal decidiu que logo ela deixará de trabalhar. “Foi algo em que realmente não pensei antes de entrar para a Igreja”, diz ela. “Não é uma decisão fácil, mas temos fé no que a Igreja nos ensina.” Enquanto isso, Rita descobriu que as prendas domésticas aprendidas na Sociedade de Socorro “ajudam a economizar tempo. Não sei como me arranjava antes!”

PREPARAR-SE PARA O FUTURO

Quando Héctor Antonio e Benita Liberato se filiaram à Igreja em 1983, seus amigos acharam que estavam loucos, juntando-se a uma religião desconhecida. Agora, diz Héctor: “Muitos deles são membros, e estão no sumo conselho comigo!” Benita volta os olhos para o crescimento da Igreja que vem observando na República Dominicana e percebe que, em seu chamado como presidente da Primária da estaca: “Estou liderando uma segunda geração de membros, que terá passado

a maior parte da vida na Igreja - uma responsabilidade assustadora.”

Membros como Félix e Lubian Sequí contribuem para a imagem positiva da Igreja, servindo tanto na comunidade como na Igreja. Lubian dirige um orfanato para crianças deficientes em Santo Domingo, além de uma pequena escola para crianças que não teriam outro meio de estudar. (Vide “Mulheres SUD: Lubian Sequí”, *A Liahona*, fevereiro de 1988, p. 35.) Félix, coordenador do Sistema Educacional da Igreja em Santo Domingo viu a participação no Seminário e Instituto crescer de sessenta para dois mil em todo o país — crescimento que se deve ao seu grande empenho. Afinal, diz ele, “esses estudantes são nossos futuros líderes”.

A mais importante modificação para o futuro, porém, concordam os membros dominicanos, aconteceu dentro do lar. Depois que Rafael e Miledy Dilone e seus cinco filhos se filiaram à Igreja, “até mesmo os vizinhos nos cumprimentaram pela nova união que notaram em nossa família”, diz Rafael, um sumo conselheiro que trabalha como sapateiro em casa e gosta de passar o dia perto da família. Para Miledy, o batismo da família e um progresso notável em seu casamento, fortaleceram a vida familiar: “Antes éramos uma família louca. Agora sabemos como nos amamos mutuamente.”

Por causa de membros como estes, os líderes dominicanos enfrentam com otimismo suas dificuldades iniciais. O futuro provavelmente trará desafios novos e diferentes, mas muitos obtêm esperança na oração dedicatória do Élder M. Russell Ballard. “Ele rogou ao Pai Celestial algumas bênçãos especiais”, lembra Rodolfo N. Boddén, cuja família de seis foram os primeiros membros da Igreja na República Dominicana. “Especificamente, orou que fôssemos capazes de dirigir a nós próprios, que nossas raças e nacionalidades pudessem abençoar a Igreja. O Presidente Kimball, naturalmente, preparou o caminho. E vejam, está tudo acontecendo!” □

Irmão e irmã VanDenBerghe vivem na Ala Granite Park, Estaca Granite Park Salt Lake.

COMO AJUDAR OS FILHOS A OBTER UM TESTEMUNHO

Quando falamos de testemunho na Igreja, referimo-nos à certeza espiritual de verdades eternas. Isto abrange a confirmação de que Deus é nosso Pai nos céus, que ele nos ama, que nos criou, e que tem um plano glorioso para nós, possibilitado pelo sacrifício expiatório de seu Filho, Jesus Cristo. O testemunho já foi comparado a uma conta corrente espiritual, na qual depositamos ensinamentos, experiências e tesouros espirituais aos quais podemos recorrer quando surgem dúvidas ou quando alguém desafia as verdades que consideramos sagradas. Um testemunho forte pode evitar que sejamos muito afetados pelo desânimo, desapontamento ou dúvidas: o testemunho pode encher-nos de apreço, inspirando-nos a fazer as escolhas certas.

NECESSIDADE DO TESTEMUNHO

O Élder Heber C. Kimball falou da necessidade de cada pessoa ter um testemunho. "Para defrontarmos as dificuldades vindouras, será necessário que tenhamos

conhecimento da verdade desta obra por nós mesmos... Virá o tempo em que ninguém poderá perseverar com luz emprestada. Cada um terá que ser guiado pela sua própria luz interior. Se não a tiverdes, como podereis perseverar?" (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Salt Lake City, Bookcraft Inc., 1945, p. 450.)

À medida que crescem, os filhos valem-se da fé dos pais. Eles se apóiam em nossos testemunhos ou emprestam luz de nossas lâmpadas de fé. Quando, porém, amadurecem e enfrentam problemas mais desafiadores, eles precisam adquirir luz própria.

Os pais podem ajudar os filhos a adquirir testemunho do Pai Celestial e do Salvador de muitas maneiras. Para a maioria das crianças, o exemplo é o melhor mestre. Usando a vida do Salvador como padrão para nossa conduta, centralizamos nossa vida nele e mostramos a nossos filhos o poder que uma fé viva e vibrante pode representar em sua vida.

A luz dentro de nós será também refletida no ambiente de nosso lar. Um dos meios mais importantes, na verdade, para ajudar crianças a edificarem forte testemunho é

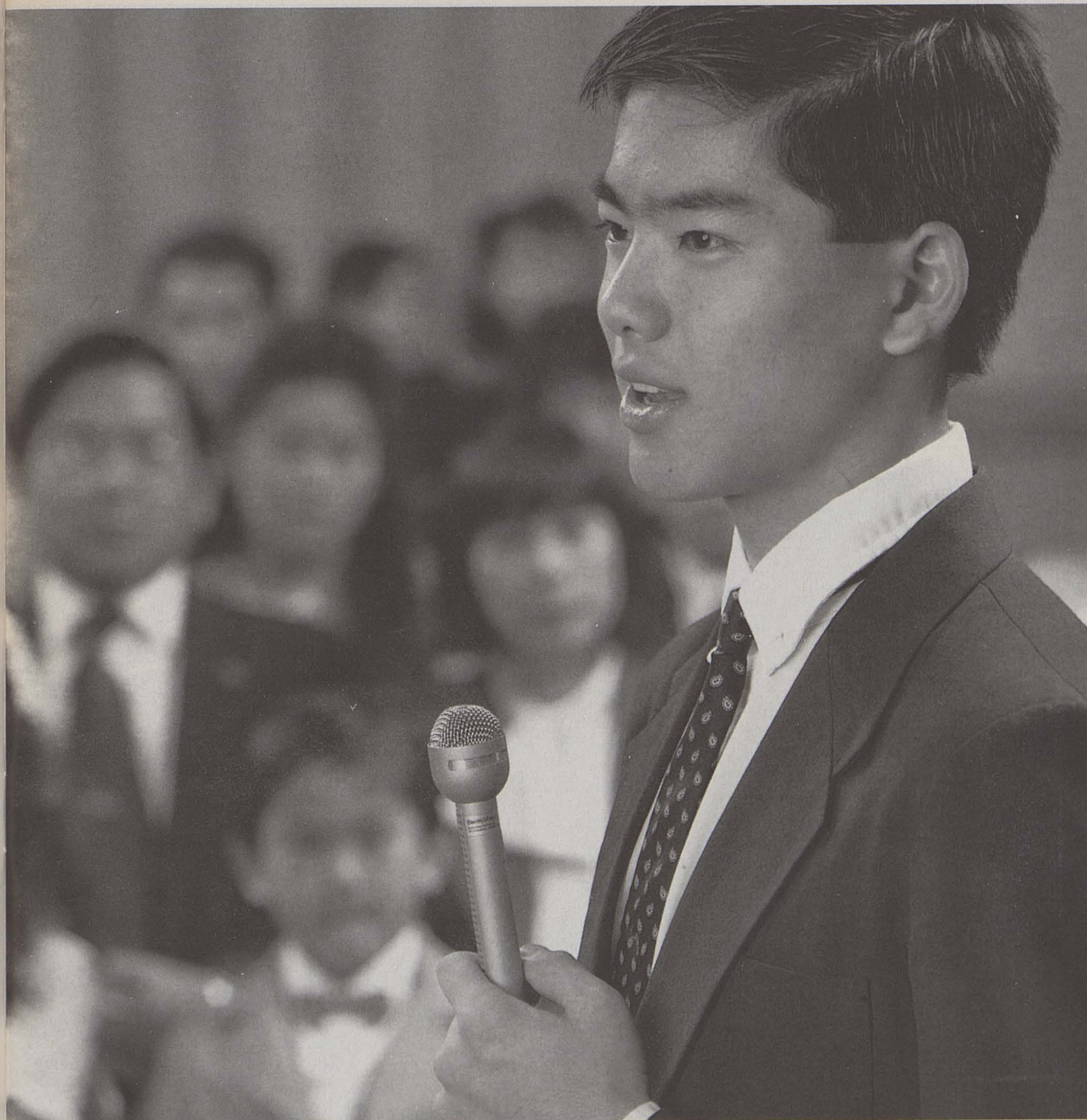
formar um lar espiritual centralizado em Cristo.

UM LAR ESPIRITUAL É:

- Um lar em que o Evangelho de Jesus Cristo é estudado, discutido e praticado.
- Um lar construído na certeza de que Deus, o Pai, e Jesus Cristo são reais e vivem.
- Um lar onde se convida a presença do Espírito Santo.
- Um lar onde as decisões são tomadas segundo os princípios do evangelho.
- Um lugar onde a felicidade não depende de posses materiais, mas de amor, união e participação.
- Um lar onde o crescimento e desenvolvimento de cada pessoa é valorizado e incentivado.
- Um lugar onde são incentivados, o estudo das escrituras, a oração pessoal, e a meditação.
- Um lugar onde as pessoas são aceitas como são e amorosamente incentivadas a atingir seu potencial máximo.
- Um lugar onde a cooperação é mais importante do que a competição, onde o "você" é mais importante que o "eu".
- Um lugar de ordem e asseio.

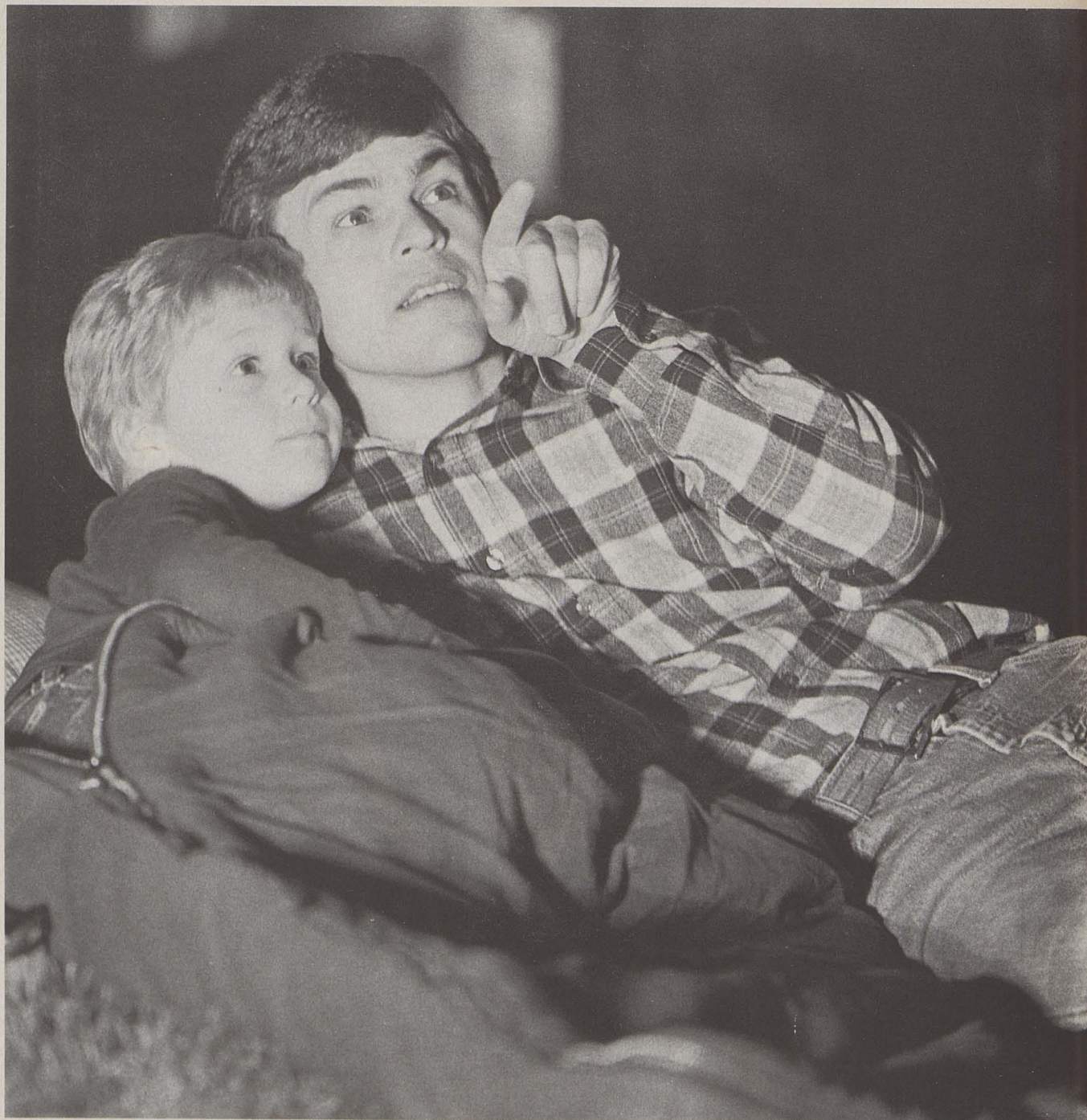
À medida que crescem, os filhos
valem-se da fé dos pais. Eles se
apóiam em nosso testemunho, ou
emprestam luz de nossa lâmpada

de fé. Quando, porém,
amadurecem e enfrentam
problemas mais desafiadores, eles
precisam adquirir luz própria.



Momentos menos formais para
prestar testemunho surgem a toda
hora. Muitas vezes percebemos que

nossos filhos estão num momento
receptivo e que está na hora de
ensinar de coração para coração.



Essa lista não pretende desanimar ninguém. A maioria dos lares não apresenta todas estas características o tempo todo. Os pais que desejam edificar a fé em seus filhos, contudo, esforçar-se-ão para tornar esse lar uma realidade.

PALAVRAS DE FÉ

Embora nossas ações falem mais alto diante de nossos filhos, nossas palavras são de grande importância. Que grande lástima os filhos nunca ouvirem os pais dizerem que os amam. Sempre que um pai diz "eu te amo" a uma criança, são fortalecidos o amor-próprio da criança e seu amor ao pai. Igualmente, quão lastimável os filhos raramente ouvirem os pais falarem de seu amor ao Pai Celestial. Quando um pai fala palavras de fé a uma criança, cresce o amor dela a seus pais celestiais.

Os pais devem prestar "testemunho aos filhos no lar — dizer-lhes, realmente, por que sabem que a Igreja é verdadeira. Se pensarmos que nossos filhos sabem dessas coisas só por viverem na mesma casa, estamos redondamente enganados. Precisamos expressá-las em palavras, para que nossos familiares possam sentir o mesmo espírito de testemunho que nós. A noite familiar é uma ocasião ideal

para isso." ("How To Gain a Testimony", Élder Loren C. Dunn, Conferência Geral de Outubro de 1972.)

Independentemente da idade, nossos filhos precisam ouvir nosso testemunho e histórias promotoras de fé. E uma vez que prestamos testemunho de um princípio, precisamos continuar a vivê-lo. Não podemos, por exemplo, testificar a importância de santificar o dia do Senhor e depois fazer alguma coisa que torne nossas palavras vazias para nossos filhos.

TEMPO PARA TESTIFICAR

Há vários modos de se compartilhar sentimentos espirituais. Podemos prestar testemunho como parte normal de determinados momentos especiais, como noite familiar, estudo das escrituras em família, entrevistas pessoais, oração em família ou encontros de família. Após uma conferência geral ou serão especial, podemos testificar a veracidade do que ouvimos e sentimos. Certas famílias têm colhido ricas experiências, realizando reuniões de testemunho em família.

Quando as crianças começam a sentir-se à vontade para expressar-se em casa, elas podem ser incentivadas a prestar testemunho na reunião de jejum e testemunho. Ouvindo-nos,

quando nos expressamos, as crianças aprendem que é apropriado fazerem o mesmo.

Momentos menos formais para prestar testemunho surgem a toda hora. Muitas vezes percebemos que nossos filhos estão num momento receptivo e que está na hora de ensinar de coração para coração. Quando compartilhamos nossas recordações de acontecimentos importantes em nossa vida, temos a oportunidade de prestar testemunho. As crianças adorarão ouvir a mãe contar o que sentiu quando elas nasceram e as teve nos braços pela primeira vez. Serão espiritualmente fortalecidas lendo ou ouvindo o que os pais sentem sobre a importância espiritual de seu batismo e confirmação, bênção patriarcal ou casamento no templo.

Muitas vezes podemos escrever o que não conseguimos expressar tão bem verbalmente. Certo pai que nunca falara assim diretamente, escrevia ao filho uma vez por semana durante sua missão, incentivando-o a testificar de todo coração, enquanto servia ao Senhor.

O DOM DE UM TESTEMUNHO VIVO

Um testemunho precisa de alimento e cuidados, exatamente como o corpo físico. O Senhor

realizou extraordinários milagres pelos filhos de Israel, a fim de mantê-los alimentados e vestidos, depois de serem salvos milagrosamente dos egípcios, atravessando o Mar Vermelho em seco. Não muito tempo depois eles estavam fazendo um bezerro de ouro, enquanto Moisés se encontrava no Monte Sinai. Acontece o mesmo hoje. A fé pode enfraquecer, se permitirmos que nosso testemunho fique dormente e sem uso. Um missionário que passou dois anos ensinando a outros as verdades divinas pode chegar em casa e perder seu fervoroso testemunho, se não o nutrir e acalentar como fazia no campo missionário. Um membro recém-batizado precisa continuar participando e estudando, se quiser que seu testemunho cresça.

O Presidente Harold B. Lee observou: "O testemunho que temos hoje não será o mesmo de amanhã. Ou crescerá incessantemente, ou se desvanecerá, dependendo do que fizer com ele." (*A Liahona*, março de 1978, p. 47.)

O testemunho do evangelho é um dom de Deus. Está ao alcance de qualquer um que o deseje fortemente e esteja disposto a aplicar os ensinamentos do evangelho. Geralmente não é obtido por meio de milagres ou manifestações visuais, mas silenciosamente, pelas

ministrações do Espírito Santo. É conservado se buscarmos a companhia constante do Espírito.

As escrituras e os profetas nos asseguram que, se o buscarmos seriamente, receberemos um testemunho em nossa mente e coração.

"Sim, eis que eu falarei à tua mente e ao teu coração, pelo Espírito Santo, que virá sobre ti e habitará em teu coração.

Agora, eis que este é o espírito de revelação; eis que este é o espírito pelo qual Moisés conduziu os filhos de Israel através do Mar Vermelho em terra seca." (D&C 8:2-3.)

Como pais, queremos que nossos filhos recebam sua própria luz interior para guiá-los na vida. O tempo gasto ajudando-os a adquirir essa luz é um dos tempos mais valiosos que compartilhamos com eles. □

MODELOS ESCRITURÍSTICOS

As escrituras têm muito a nos dizer sobre criar filhos espiritualmente inclinados a amar o Senhor. A seleção seguinte poderá orientar os pais ao ajudarem os filhos a adquirir um testemunho forte, que os levará ao caminho reto e estreito que conduz à vida eterna.

Êxodo 18:20	Ensinar-lhes as leis de Deus.
Deuteronômio 6:5-7	Falar a toda hora dos mandamentos de Deus.
Provérbios 22:6	Ensinar os filhos enquanto são pequenos.
Lucas 15:11-32	Perdoar-lhes quando erram.
Efésios 6:4	Não os provocar, mas criá-los "na doutrina e admoestação do Senhor".
2 Néfi 2:25	Ajudá-los a ter alegria.
Mosiah 4:14	Dar-lhes alimento e roupa; evitar que briguem.
Mosiah 4:15	Ensiná-los a se amarem e servirem mutuamente.
D&C 68:25	Ensinar-lhes os princípios da fé, do arrependimento, do batismo e do dom do Espírito Santo.
D&C 68:28	Ensiná-los a "orar e andar em retidão perante o Senhor".
D&C 93:40	Criá-los em "luz e verdade".
D&C 121:43	Corrigi-los segundo os sussurros do Espírito.

Como pais, queremos que nossos
filhos recebam sua própria luz
interior para guiá-los. O tempo

gasto ajudando-os a adquirir essa
luz é um dos tempos mais valiosos
que compartilhamos com eles.



FOTOGRAFIA DE LONGINI IONCZANA, JR.

Nosso Valor Divino



Nascemos de pais celestiais, numa esfera pré-mortal, onde éramos espiritualmente alimentados e ensinados sobre o plano de salvação. Antecipando o próximo passo em nosso progresso, “rejubilamos” de alegria (Jó 38:7). Doutrina e Convênios 138:56 afirma que “(recebemos nossas) primeiras lições no mundo dos espíritos e (fomos) preparados para (vir) no devido tempo do Senhor, a fim de (trabalharmos) em sua vinha para a salvação das almas dos homens”.

Sabiamente, nosso Pai Celestial não chamou a todos para exercer as mesmas tarefas na mortalidade nem deu a todos os mesmos dons pessoais. Viemos para a terra onde e quando pudéssemos progredir e abençoar a vida de outros. A vida e obra de cada mulher é única e de inestimável valor. *Como entender a vida pré-mortal, a ajuda a apreciar sua missão como mulher, no mundo de hoje?*

Valorizamos Nossas Funções Individuais

Explicando a importância da vida e missão de cada pessoa, diz o Élder H. Burke Peterson: “Imaginais, por um momento que seja, que o Pai Celestial mandaria um de seus filhos a esta terra por acaso, sem a possibilidade de realizar uma obra importante?...”

Fostes reservados para vir à terra nesta era para um propósito especial. Não apenas alguns, mas todos nós. Há coisas para cada um fazer que ninguém mais poderá realizar tão bem quanto vós... Se o permitirdes, testifico-vos que nosso Pai vos acompanhará pela jornada da vida, e por inspiração vos fará conhecer vosso propósito particular aqui.” (*A Liahona*, junho de 1980, pp. 24-25.) *Seus desafios ajudaram-na a ter consciência da direção do Senhor em sua vida?*

Valorizamos a Orientação das Escrituras

Qual o melhor meio de encontrar orientação para o caminho individual nesta vida? Um dos melhores lugares para encontrar orientação são as escrituras. Diz o salmista: “Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho.” (Salmos 119:105.) Estudar as escrituras diariamente nos ajuda a entender a palavra do Senhor e ter segurança de estar agindo corretamente. *Como uma escritura que aprecia tem orientado sua vida?*

Valorizamos os Exemplos Alheios

Quando Abish, uma serva na corte do rei Lamôni viu Amon, Lamôni, a rainha, e todos os outros servos caírem por terra, ela soube que haviam sido atingidos pelo poder de Deus. Supondo que o povo creia no Senhor se visse aquela cena, Abish foi correndo de casa em casa para contar o acontecido. (Vide Alma 19:16-17.)

Ana se lamentava por não ter filhos. Ela orou ao Senhor e prometeu que, se ele lhe desse um filho, ela o dedicaria ao Senhor para servi-lo no tabernáculo. O Senhor atendeu à prece de Ana e ela cumpriu o prometido. (Vide I Samuel 1.)

Assim como a missão de Ana diferiu da de Abish, nenhuma de nós também é chamada a servir exatamente como outra pessoa. É assim que o Senhor pretende que seja: nossa diversidade torna seu reino mais forte. Mas os exemplos de outros podem motivar-nos a fazer o melhor que pudermos e a nos sentirmos valorizadas individualmente. Regozijemo-nos, pois, com a vida e única missão que cada uma de nós recebeu, e valorizemos as contribuições alheias.

Como o exemplo de alguém a fez sentir-se valorizada como mulher? □

SEÇÃO INFANTIL.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MAIO DE 1991



J O S E P H S M I T H

Kellene Ricks

O Profeta Joseph Smith era um homem alto e vigoroso. Criou-se numa fazenda e passou muitas horas preparando a terra e cuidando das plantações com seu pai e irmãos.





O Profeta gostava de conviver com os jovens. Uma de suas atividades favoritas era a luta romana. Naqueles dias, a luta consistia principalmente na tentativa de fazer o oponente perder o equilíbrio.



Certo dia o Profeta reparou num grupo entusiasmado de rapazes e meninos. Chegando mais perto, viu que estavam lutando e decidiu juntar-se a eles.



Havia particularmente um sujeito grandalhão que parecia ser o campeão. Orgulhava-se de que ninguém ainda o derrubara e estava querendo lutar com o Profeta.

ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT



A luta mal começara quando o tal campeão se viu sendo carregado pelo colarinho e fundilhos até uma valeta próxima, onde Joseph o deixou cair.



Enquanto a multidão gritava e aplaudia, Joseph ajudou o rapaz a pôr-se de pé, deu-lhe umas palmadinhas nas costas e disse: "Não ligue para isso. Quando estou com os meninos, divirto-os o quanto posso."



Embora sendo o primeiro presidente da Igreja e um homem muito ocupado, Joseph Smith sabia que era importante tirar algum tempo para mostrar-se amigável com os outros.



RAINHA DE MAIO

Ficção de Barbara Wells

Elizabeth estava sentada, contente, perto da avó, traçando com suas mãozinhas o desenho desbotado do avental de algodão azul da anciã. Algumas mechas do cabelo grisalho da avó, que rescendia levemente a especiarias e maçãs, acariciaram o rosto da criança.

“Vovó, conte-me uma de suas histórias de antigamente”, murmurou a menina preguiçosamente.

“Que espécie de história, Lisa?”

“Fale-me de quando era menina e vivia na Inglaterra, muito antes de filiar-se à Igreja e vir para o Canadá.”

“Ah, criança, mas isto faz tanto, tanto tempo! Deixe-me pensar.” A anciã inclinou a cabeça, imersa em pensamentos. Então suas faces enrugadas se iluminaram com um sorriso. “Já lhe contei da celebração do Dia de Maio na nossa aldeia?”

Elizabeth fez que não com a cabeça, com os olhinhos escuros cheios de curiosidade.

“Que festa bonita, Lisa. Antes do amanhecer, no dia primeiro de maio, minhas irmãs e eu íamos para o campo colher flores e galhos para decorar nossa casa. Nessa manhã, nossa mãe fazia coroas de folhas e flores silvestres, para usarmos enquanto íamos cantar de casa em casa. A melhor parte, porém, era a Rainha de Maio.”

“Não, só uma rainha faz-de-conta para o primeiro de maio”, explicou a avó. “A aldeia escolhia a jovem mais bonita, e ela desfilava num carro coberto de flores, pelo centro da cidade.”

“Você chegou a ser rainha?” perguntou Elizabeth.

“Não”, riu-se a avó. “Eu não era bonita.

Logicamente sempre quis ser a rainha, mas nunca fui escolhida.”

“O que aconteceu então?”

“A Rainha de Maio, usando uma coroa de flores silvestres, era conduzida ao mastro enfeitado, para presidir a festa da primavera realizada em sua homenagem.”

“O que é um mastro enfeitado?”

“Era uma árvore bem alta, cortada naquela manhã. Depois de tirados todos os seus galhos, ela era colocada na praça gramada da aldeia, e penduravam flores e fitas de todas as cores do arco-íris no seu topo.”

“E então começava a festa?”

“Isso, querida. A Rainha de Maio sentava-se sob um arco de flores e ficava olhando os aldeões dançarem em volta do mastro, dando as boas vindas à primavera. Quando sinto o perfume dos primeiros lilases, todos os anos, sinto-me outra vez uma menininha na Inglaterra.”

“Vovó, acho que minha mãe está chamando, é melhor eu ir”, disse Elizabete, beijando a avó no rosto.

Durante a última semana de abril choveu sem parar. Elizabete ficava olhando pela janela, reclamando: “Será que nunca mais vai ter sol?” Na manhã do dia primeiro de maio, porém, o sol rompeu alegremente as nuvens e cobriu a terra com sua luz e calor. Jogando de lado os cobertores, Elizabete pulou da cama, animada. Quando os pais desceram para o desjejum, Elizabete já terminara o dela e saiu correndo da cozinha.

“Que pressa é esta?” indagou o pai.

“Tenho muito o que fazer, pai.”

“Divirta-se, querida, mas não vá para longe de casa”, recomendou a mãe.

“Não vou, não. Prometo.”

Nas três horas seguintes, Elizabete esteve ocupada atrás do estábulo. De vez em quando ela dava uma corrida até seu quarto. Do andar de baixo a mãe a ouvia abrir e fechar gavetas, e depois o ruído de seus passos, escada abaixo.

Pouco depois do meio-dia, Elizabete bateu na porta da avó, estourando de excitação.

“Entre, Lisa. Acabei de assar biscoitos.”

“Oh, vovó, você tem que vir comigo agora mesmo! Quero mostrar-lhe os lilases. Eles estão florindo atrás do estábulo.”

“Que maravilha! Vamos apanhar alguns para a sala.”

Quando a avó chegou ao canto do estábulo, abriu a boca de assombro. Os ramos de um jovem pessegueiro, decorados com fitas de cabelo coloridas, agitavam-se levemente na brisa. Ao lado dele, uma frágil cadeira de madeira havia sido transformada num trono de tulipas e narcisos.

“Queira sentar-se, Sua Alteza”, disse Elizabete, com uma mesura. “A festa do dia primeiro de maio está começando, e a senhora é a Rainha de Maio - a mais linda da terra.”

A velha senhora sentou-se, lentamente, com uma coroa de lilases sobre a cabeça. Arrumando graciosamente o avental sobre os joelhos, ela reprimiu as lágrimas de alegria, enquanto observava Elizabete dançando em volta do pessegueiro, que substituíra o mastro de maio. □



O Espírito Santo

Com simplicidade

Chords: C, (C#dim), G⁷, C, F, C, G⁷, C, (E⁷), F, B⁷, Em, A⁷, Dm, C, G⁷, C.

1. Je - sus um di - a - an - dou Na ter - ra e pro - me - teu Man -
 2. E na con - fir - ma - ção Que é fei - ta com po - der O

dar - nos o Con - so - la - dor, E - ter - no a - mi - go meu. O Es -
 dom do San - to Es - pí - ri - to Po - de - mos re - ce - ber. A

pí - ri - to sus - sur - ra, com su - a - ve voz, E
 es - sa voz su - a - ve Que - ro o - be - de - cer As -

tes - ti - fi - ca de Je - sus Que a - ma to - dos nós,
 sim o cer - to es - co - lhe - rei, O cer - to vou fa - zer.

Letra: Jeanne P. Lawler, n. 1924; alt. © 1977. 1989 SUD

Música: Jeanne P. Lawler, n. 1924. © 1977 SUD

João 14:26

MEUS AMIGOS, OS HMONGS

Jennifer Brass Jenkins
com Sandy Brass Jenkins



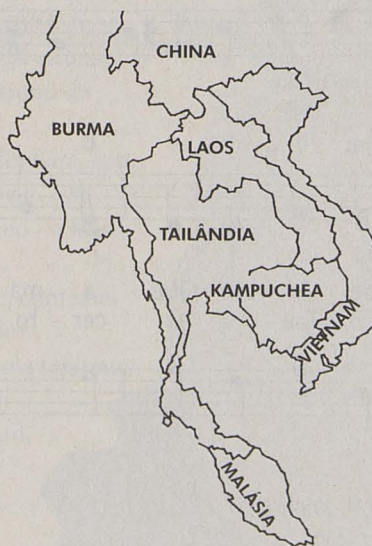
Kou Moua

Os hmongs (pronunciado "mongs") não sabem comer com pauzinhos, mas eu também não sei. Quando vou jantar na casa de Kou Moua, gosto de fazer bolinhas de arroz grudento com as mãos, conforme Kou me ensinou. Ela tem muitos primos com quem podemos brincar, mas nenhum irmão ou irmã. A família de Kou, como outras famílias hmongs, veio do Laos para a América do Norte.

Nas montanhas de Utah não existem tigres ou cobras, mas os hmongs tinham muito medo deles quando chegaram aqui. Não sabiam falar inglês, e ninguém sabia falar hmong, mas não foi tão difícil como algumas pessoas podem achar.

Todos os membros de nossa família trabalhavam como missionários de estaca no Ramo

Hmong da Estaca Lago Salgado. Ensinei Neng, Shoua e outras crianças a cruzar os braços para orar, a olhar as figuras das *Histórias do Livro de Mórmon* e a cantar "Sou um



Filho de Deus". Eles nos ensinaram a dizer *como vai* em hmong - *nyob zoo* ("níiaa shon") - e nós lhes ensinamos uma porção de coisas, como acender as luzes, usar a caneta ou comprar um frango com dinheiro. No Natal, pessoas generosas deram aos hmongs roupas, brinquedos, frutas, doces, nozes e biscoitos. Eles comeram as laranjas e as nozes, mas não quiseram os doces e biscoitos!

Celebrar o Ano Novo com os hmongs é muito divertido, porque cada um come todo o arroz que deseja, e eles conversam e fazem brincadeiras. As mães de Chou e Neng fizeram um traje hmong honorário para eu usar na festa do Ano Novo. É preto, com uma gola azul e com alegres faixas rosa e verde, além de apresentar muitos bordados, contas e enfeites brilhantes, que tilintam quando caminho.

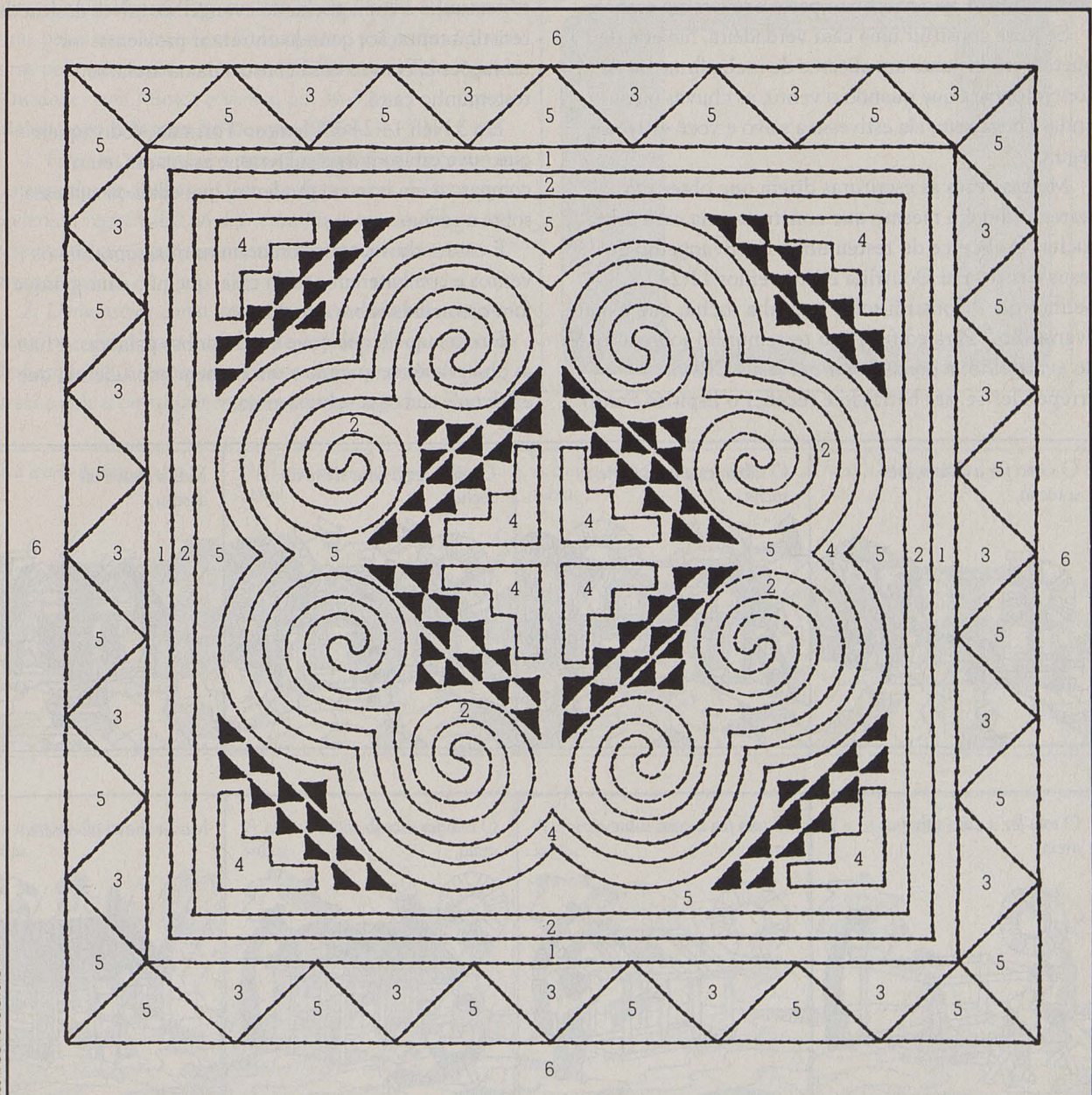
Deram à minha mãe alguns quadrados bordados à mão, chamados *paj ntaub* ("pa ndao"), que significa pano florido em hmong. Os quadrados simbolizam antigas crenças religiosas hmongs. A avó de Kalu a está ensinando a bordar os delicados pontos e fazer os desenhos que formam figuras floridas, e eu

quero aprender também. Às vezes pratico, fazendo um desenho no papel e colorindo-o, para que pareça uma verdadeira peça de *paj ntaub*. Os hmongs são alguns de meus amigos prediletos; por isso procuro fazer meus desenhos usando suas cores favoritas: roxo, vermelho, azul, amarelo-ouro e verde. □

Risco Caracol de Paj Ntaub

Chave de Cores

- (1) branco
- (2) roxo
- (3) azul
- (4) verde
- (5) amarelo-ouro
- (6) vermelho



ILUSTRADO POR DICK BROWN

EDIFICAR SOBRE

E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste (João 17:3).



Você já foi à praia e construiu um castelo na areia? É divertido fazê-lo e modelá-lo, porém, cedo ou tarde as ondas vão chegando perto e levam-no embora.

Se fosse construir uma casa verdadeira, haveria de querer fazê-lo sobre um alicerce de rocha firme ou de concreto, para que quando o vento, as chuvas ou as ondas chegassem, ela estivesse a salvo e você estivesse seguro.

Muitas vezes as escrituras dizem que obter um testemunho é o mesmo que construir uma casa sobre rocha. O alicerce do testemunho é o Evangelho de Jesus Cristo. Em Doutrina e Convênios 11:24, o Senhor diz: “Constrói sobre a minha rocha, que é meu evangelho.” Para edificar seu testemunho sobre a rocha do evangelho, é preciso crer em Jesus Cristo, arrepende-se, ser batizado e receber o Espírito Santo.

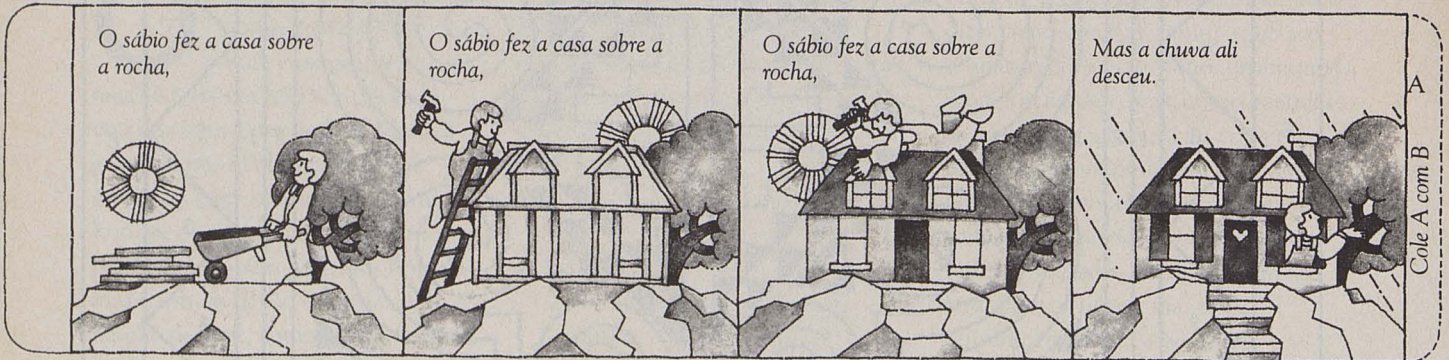
Também, deve-se orar sempre, freqüentar a Igreja, tomar o sacramento e guardar os mandamentos. (Vide 3 Néfi 11:38-40; 18:1-15.) Então você será forte e fará escolhas certas.

Todos temos experiências que põem à prova nossa fé. Elas são como as ondas, chuvas e tempestades que podem atingir uma casa. Se não tiver construído seu testemunho sobre a rocha do evangelho, talvez desista de resistir à tentação, quando enfrentar problemas ou tentações e, como a casa construída na areia, seu testemunho cairá.

Em 3 Néfi 14:24-27, lemos: “Portanto, todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as guarda, eu o comparo a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha.

E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e combateram aquela casa, que não caiu, porque fora construída sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras, e não as observa, é comparado a um homem imprudente, que edificou a sua casa sobre a areia;



ILUSTRADO POR JUIE FUHRMANN YOUNG

A MINHA ROCHA

Laurel Rohlfling

E desceu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e combateram aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua queda.”

Instruções

Recorte as tiras e cole-as pelas pontas, como indicado. Cole as tiras ilustradas e a tela de televisão sobre papel-cartão. Recorte a tela e faça pequenos cortes, cuidadosamente, na linha pontilhada. Passe as tiras pelas aberturas da tela. Enquanto vai deslizando as tiras pela tela, cante ou recite: “O Sábio e o Tolo.” (Vide *Atividades com Música e Versos*, pp. 36-37.)

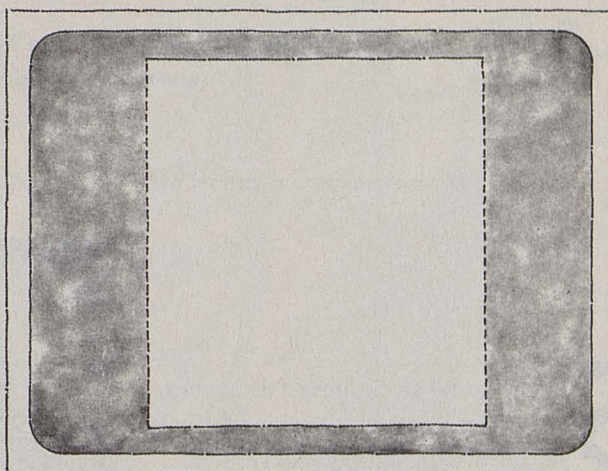
Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Fazer as crianças contarem experiências de como seu testemunho as ajudou a fazer escolhas certas. Elas poderiam registrá-las no diário ou fazer um desenho a respeito delas. Alguns acontecimentos poderiam ser dramatizados.

2. Demonstrar como uma casa construída sobre rocha fica firme. Faça duas casinhas de papelão. Num recipiente de boca larga, coloque uma casa sobre um montinho de areia e cole a outra firmemente sobre uma pedra. Derrame

a água da “inundação” no recipiente e mostre que a água desfaz o monte de areia, mas que a casa sobre a rocha ficará segura.

3. Coloque em pedras, ou blocos de construção, rótulos com maneiras de edificar o testemunho. Debata por que cada um é importante.



Howard W. Hunter

Aquele que não nasceu da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus (João 3:5).

De uma entrevista com Howard W. Hunter, Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos, por Kellene Ricks.



Sempre gostei da natureza e do campo. Cresci em Boise, Idaho, e uma das coisas de que mais gostava quando estava de férias, no verão, era ir à fazenda de minha tia. Ali eu pastoreava o gado, montava a cavalo, nadava no canal de irrigação e muitas vezes dormia nos montes de feno, sob as estrelas.

Oh, como eu admirava os rapazes e as meninas que viviam em sítios e fazendas! Eles tinham oportunidades que aqueles que eram criados na cidade jamais tinham.

Entretanto, a pouco menos de um quilômetro de onde eu morava, em Boise, um rio cortava a cidade. Ali havia um bosque ao qual eu gostava de ir aos sábados, após as aulas. Tinha por companheiro meu cão, e lá íamos nós andar de barco ou fazer apitos de caniços. Ficávamos observando os castores construindo seus diques e os peixes nadando, como também os pássaros construindo seus ninhos e cuidando de suas crias.

Quando fiquei mais velho, ingressei no grupo local de Escoteiros e adorava acampar com meus amigos, no verão. Muitos dos rapazes estavam na Primária comigo. Minha mãe era presidente da Primária, e Dorothy, minha irmã menor, e eu éramos freqüentadores assíduos.

Meu pai, entretanto, não era membro da Igreja e, quando fiz oito anos, não fui batizado.

Deus vivia. Minha mãe ensinou-me a orar e agradecer ao Pai Celestial por todas as coisas de que eu gostava. Muitas vezes eu lhe agradecia pelas belezas da terra e pelas horas maravilhosas que passava na fazenda, no rio e com os escoteiros. Aprendi também

a pedir-lhe as coisas de que eu precisava ou desejava.

Eu ia a todas as reuniões e atividades da Igreja, mas foi só quando fiz doze anos que realmente senti falta do batismo. Nessa época, todos os meus amiguinhos haviam sido ordenados diáconos, mas como eu não era oficialmente membro da Igreja, não podia fazer muitas coisas que eles faziam. Distribuir o sacramento e acender a lareira para aquecer a capela, eram apenas duas das responsabilidades que eu via meus amigos fazendo sem mim.

Por isso, minha irmã e eu começamos a insistir com nosso pai para que permitisse que fôssemos batizados. Também orávamos para que ele concordasse. Ficamos contentíssimos quando ele finalmente consentiu. Fui batizado aos treze anos. Um mundo novo se abriu para mim, quando aprendi as responsabilidades de ser membro da Igreja e portador do sacerdócio.

Sou grato pela influência da Igreja naqueles primeiros anos de formação e pelos ensinamentos de minha mãe. Mesmo sendo batizado mais tarde do que muitas crianças, eu sabia que Deus me amava e me ouvia. □



ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT

FAZER AMIZADES

SATU MERENLUOTO

DE TURKU, FINLÂNDIA

Lawrence Cummins



FOTOGRAFIA DE RICHARD W. ROWNEY

Satu Merenluoto, de dez anos, cujo primeiro nome significa "conto de fadas", é naturalmente criativa em tudo o que faz. Seu quarto mostra uma exposição de brinquedos e bichos de pano que ela fez de retalhos de tecidos. De um galho de árvore no jardim dos Merenluoto, pende uma casinha de pássaros, que Satu fez para alguma família alada com sorte.

Num minúsculo museu, no porão de sua casa de brinquedos, ela expõe outras coisas que criou.

A família Merenluoto vive em uma casa isolada, numa ilha não muito distante de Turku. O quintal é sombreado por uma enorme árvore; de um de seus galhos mais altos pende uma grossa corda, perfeita para a gente se balançar. Satu adora balançar nela e parece nunca se

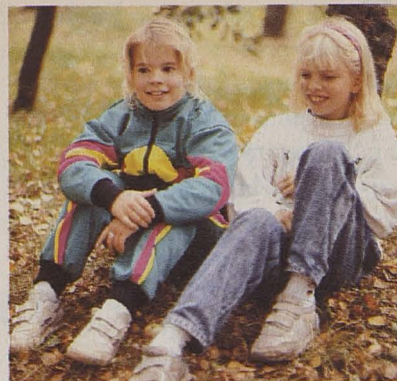
cansar da brincadeira. Quando não está balançando, está se distraindo na casa de brinquedos com sua amiga Anna Haikkola, que mora na vizinhança. E, como o fazem muitos jovens da Igreja na Finlândia, Satu e Anna muitas vezes dormem uma na casa da outra, depois de terminadas as reuniões de domingo.

Satu gosta de tocar piano, dançar, ajudar a mãe na cozinha, no quintal e no jardim, e de escrever para sua correspondente na Estônia, uma república soviética do outro lado do Golfo da Finlândia. Satu tem dois irmãos: Jukka, 14 anos e Markuu, 12 anos. Para ajudar a criar um bom ambiente no lar, Satu e seus irmãos receberam uma recompensa extra dos pais, por não assistirem a nenhum programa violento na TV, durante vários meses.

Kaarina Merenluoto, mãe das crianças, faz de seu lar um lugar feliz. Consultora de coordenação cromática, ela também trabalha na Igreja, como conselheira no programa das Moças e professora do instituto de religião. Raimo Merenluoto, pai das crianças, é gerente de uma fábrica de telefones portáteis. Ele serve como primeiro



Página oposta: Satu Merenluoto balançando numa árvore do quintal. **Alto:** O pequeno museu de Satu, no porão de sua casa de brinquedos. **Extrema esquerda:** Satu em seu quarto, com alguns dos brinquedos feitos por ela. **Esquerda:** Satu exhibe uma casa de pássaros que ela fez.



conselheiro na presidência da Estaca Tampere Finlândia.

Indagada sobre o que ela mais gostava nas aulas da Primária, Satu respondeu: “Da história da Igreja e das histórias sobre Joseph Smith. Gosto também das histórias sobre quando Jesus era menino e sobre quando ficou adulto e curava pessoas.”

De volta ao balanço, Satu dá asas à sua imaginação criativa... *Eu poderia fazer uma fazenda-miniatura para o meu museu... quem sabe até mesmo uma centopéia de pano. Poderia escrever para duas correspondentes - uma na Estônia e a outra no... Japão!* □

Satu Merenluoto, à esquerda, com seu balanço, e acima e na primeira capa, com sua amiga Anna Haikkola.

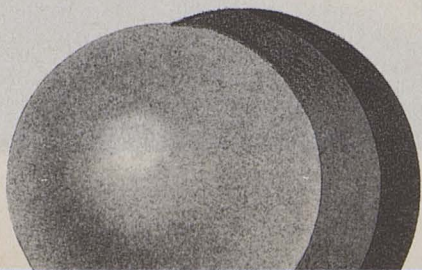
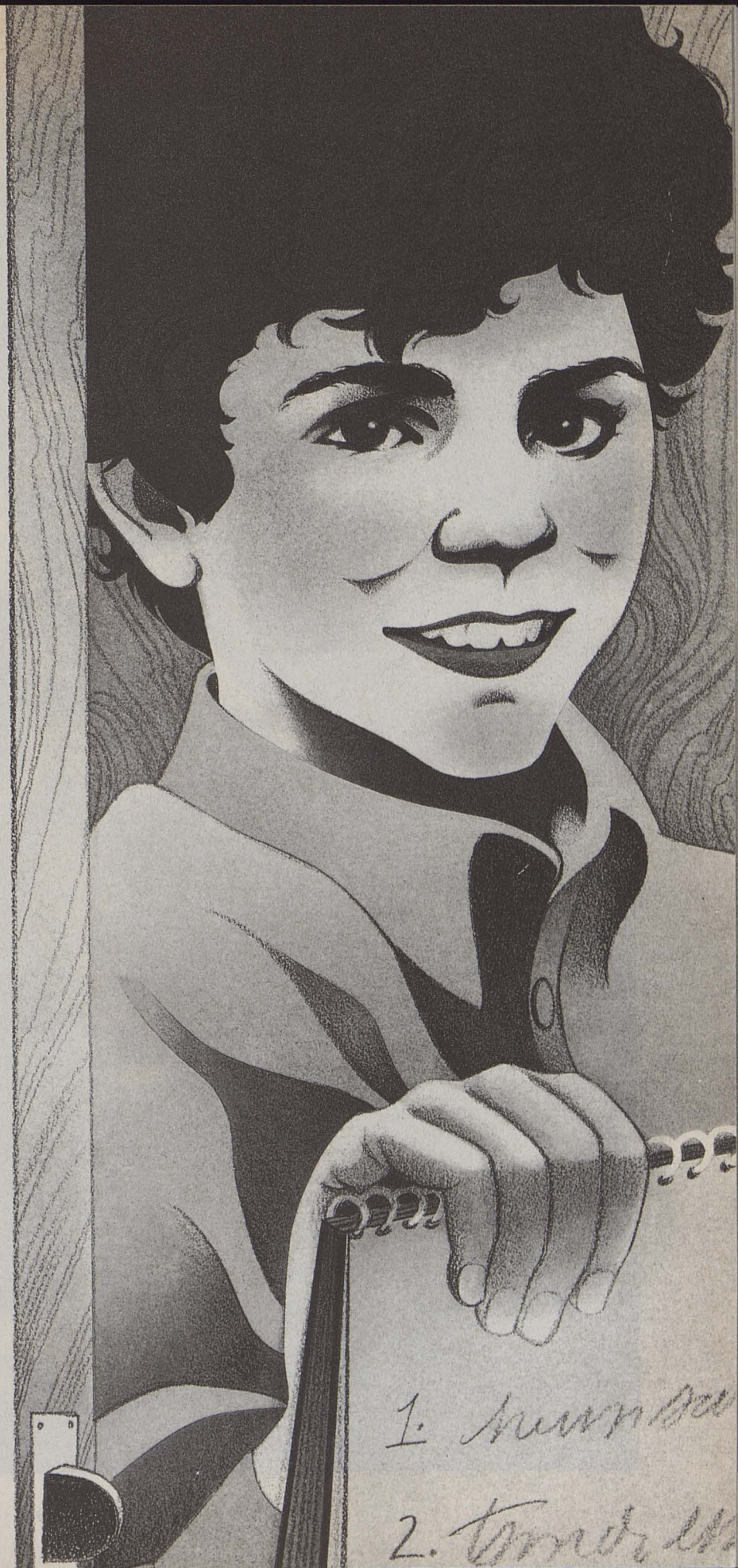
Disciplina Positiva

Marilyn Whitaker

Um dia, estando zangado com o irmão menor, nosso filho de nove anos reclamava em altos brados das falhas do irmão. Isto já acontecera outras vezes e me deixava perturbada. Naquele dia, porém, fui inspirada a tentar um meio mais positivo para resolver o problema. Mandeí que meu filho fosse para o quarto e não saísse de lá até haver escrito dez coisas boas a respeito do irmão menor. Quando reapareceu com a lista, sua atitude havia mudado. Ao procurar os pontos positivos, dissiparam-se os pensamentos e sentimentos negativos.

Desde aí temos usado essa forma de disciplina com freqüência, verificando ser um meio de manter uma atmosfera de amor em nosso lar. Aprendendo na infância a ver as boas qualidades de uma pessoa, nossos filhos se tornarão mais felizes e mais preparados para conviver com os outros no futuro. □

ILUSTRADO POR LORI ANDERSON





REJEITAR A TENTAÇÃO DE TOMAR DROGAS

Ninguém ainda tentou induzir-me a tomar álcool ou drogas. Creio realmente na Palavra de Sabedoria mas fico imaginando se terei a coragem de dizer não. Detesto contrariar as pessoas ou deixá-las descontentes comigo. O que posso fazer para ter certeza de não aceitar bebidas alcoólicas ou drogas?

Respostas dadas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Nossa Resposta:

Compreenda que você não é o único a ter de enfrentar a tentação do álcool ou drogas, ou a ter medo de como será tratado quando se negar a aceitá-los.

A resposta é que precisamos começar a preparar-nos muito antes de enfrentar um amigo insistente, com uma garrafa de cerveja na mão. Precisamos decidir agora, em nosso íntimo, que drogas e álcool não são para nosso benefício e que jamais faremos uso dessas substâncias.

Para que o ajudemos nisso, precisa primeiro conhecer os fatos. As drogas e o álcool são poderosos produtos químicos que alteram o comportamento da pessoa e são venenosos para o corpo humano, particularmente para o sistema nervoso. As reações químicas no cérebro, que produzem a "euforia", são os processos que destróem o corpo, envenenam a mente e destróem o espírito do

usuário. Nosso Pai Celestial nos deu um sábio conselho médico, recomendando que evitemos essas substâncias.

Depois da decisão pessoal de não usar tais produtos químicos, resolva como evitar pessoas, lugares e situações onde aja presença de drogas e álcool. Um sábio pai aconselhou seus filhos a "ficarem longe de lugares escuros". Certo programa de treinamento contra drogas aconselha seus jovens ex-viciados a desenvolverem novos interesses e encontrarem novos amigos para evitar a tentação.

Apesar dos melhores esforços, pode acontecer que sejamos convidados a usar essas substâncias tão prejudiciais. É por isto que precisamos imaginar e praticar maneiras de dizer não. Peçamos conselho a amigos que não as usam, aos pais, líderes de jovens, professores do seminário, bispo etc.,

e pratiquemos com eles como dizer não. Assim sabemos exatamente o que dizer quando chegar o momento.

Saibamos, também, que a relutância em dizer não sugere uma possível falta de auto-estima e amor-próprio. Às vezes, quando temos dificuldade em dizer não a outros, e estabelecer limites que nos interessam, é porque não sentimos nosso próprio valor.

A auto-estima, ou seja, a imagem que fazemos de nós mesmos, é algo que adquirimos pelo que fazemos. Quando fazemos coisas boas, temos vitórias pessoais, desenvolvemos nossos talentos e sentimos que estamos crescendo pessoalmente, tendemos a nos ver de maneira mais positiva. Procuremos e criemos experiências bem sucedidas (por pequenas que sejam), e passaremos a ver-nos como alguém cuja opinião importa. Isto tornará muito mais fácil dizer não quando for preciso.

O amor-próprio é uma dádiva que damos a nós mesmos. O Pai Celestial ama liberalmente todos os seus filhos, pecadores e santos igualmente, e tem-nos na mais alta conta, pelo valor divino que possuímos. Sabendo que somos filhos dele, não deveríamos também dar-nos essa mesma dádiva de amor incondicional? Uma vez tendo

experimentado e reconhecido o amor de Deus por nós, acharemos mais fácil tomar decisões no interesse de nosso potencial divino, não importa a quem tenhamos de dizer não.

Finalmente, saibamos que mesmo que algumas decisões que tomamos como seguidores do Salvador não sejam populares no mundo, quando seguimos o caminho reto, recebemos grande alegria e bênçãos. Diz Jesus:

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.” (Mateus 5:10.)

Tenhamos fé naquele que muito nos ama e conhece melhor, e ele nos apoiará nesta decisão, bem como em qualquer provação que possamos encontrar. Oremos pela coragem de fazer o que sabemos ser certo, e então *façamo-lo*. Fazendo-o, receberemos as bênçãos de um corpo sadio, mente clara e espírito forte.

Respostas dos Jovens:

Cometi erro semelhante ao que você quer evitar, por ter medo de não ser aceito por meus pretensos amigos. Foi o maior erro que já cometi. Fiquei escravo do hábito nos oito anos seguintes. Estou agora vencendo o vício.

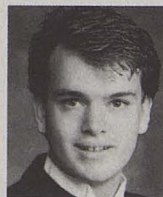
As drogas fizeram diminuir meu amor à vida. Eu estava pronto para deixar a vida, quando decidi mudar. Tive que me livrar de um “amigo”, para romper os vínculos que me prendiam.

Agora tenho amor-próprio suficiente para que ninguém mais consiga fazer-me duvidar de quem sou. Não o conheço pessoalmente, mas amo a pessoa que você deseja ser. Se alguma vez tiver de desistir de um amigo para proteger-se, faça-o. Se seus amigos insistem em cair, não tropece com eles.

Nome omitido

A chave para vencer a pressão do grupo é decidir agora a dizer não e depois, quando a situação surgir, fazê-lo sem pestanejar. Assim, as pessoas conhecem nossa posição. A maioria respeitará nossa decisão se formos honestos com elas desde o princípio. Entretanto, se não respeitarem nossa decisão, não são verdadeiros amigos. O verdadeiro amigo nos ama e não quer magoar-nos. Jesus Cristo e o Pai Celestial são *verdadeiros amigos* e abençoar-nos-ão quando decidirmos dizer não. O Senhor nos ama incondicionalmente e jamais nos deixará sós. Somos filhos de Deus. Peçamos ajuda a ele.

*Jason Wheeler, 18
Ririe, Idaho*



O Senhor conhece todas as tribulações e provações por que passam os jovens santos dos últimos

dias, mas lembrem-se de que ele estará sempre presente para ajudar-nos e dar-nos-á forças para não cedermos às tentações.

Lembre-mo-nos das palavras fiéis de Néfi e creiamos que o Senhor jamais dá um mandamento aos seus filhos, sem prepará-los para fazer o que ele ordenou.

*Christeena
Michelle Riggs, 17
Chandler, Arizona*



Acredito que a pressão de grupo é o problema mais difícil que se encontra na escola secundária. Às vezes chega a ser amedrontador ser diferente da maioria das pessoas. Ninguém quer ser rejeitado.

Ficariamos surpresos se soubéssemos quantos de nossos amigos prefeririam não beber, fumar ou tomar drogas, mas têm medo de admiti-lo.

Entre os quinhentos alunos de minha escola éramos apenas três santos dos últimos dias. Enviei cinquenta convites para minha festa de aniversário de dezesseis anos. Na parte de baixo observei: “Proibido álcool, cigarros, ou drogas.” Quando distribuí os convites, meus pais e eu ficamos com receio de que ninguém aparecesse. Entretanto, compareceram trinta e cinco dos cinquenta que haviam sido convidados.

Passado um mês, recebi convite

para a festa de uma amiga. No convite dizia: "Proibido álcool, cigarros ou drogas." Recebi muitos convites semelhantes nos dois anos seguintes.

O que é preciso é decidir agora o que faremos e depois ficar firmes. Os verdadeiros amigos nos aceitarão pelo que somos. Talvez continuem fumando ou bebendo, mas não nos pressionarão quando dissermos educadamente: "Obrigado, eu não fumo." Se continuarem pressionando, procuremos um novo grupo de amigos que nos aceitem como somos e o que defendemos.

*Michelle Seibert, 21
Merritt Island, Flórida*

Você é feliz se ninguém ainda lhe ofereceu um cigarro. Eu não fui tão feliz assim.

Tudo começou com o que eu pensava ser um jantar num pequeno restaurante. Depois de estarmos a caminho, meu melhor amigo disse-me que na verdade íamos a uma festa na casa de alguém. Em lugar de insistir em voltar para casa, fui junto. Este foi o primeiro engano. O segundo aconteceu quando decidi que parecia ridículo ser o único a não beber, por isso cedi e tomei alguns goles. Aí começou meu problema com o álcool.

Gostaria que alguém mais pudesse sentir o que é estar dentro desse tipo de prisão. Todo seu senso de realidade fica embotado, a ponto de não se importar mais com o que faz. Acautele-se! Você

evitará muitas lágrimas e sofrimento e talvez salve sua vida se souber acautelar-se!

Saiba que há sempre um caminho de volta quando se larga da barra de ferro, mas, se não a largar, você se poupará muita dor, tempo e embaraços.

Basta lembrar-se de que o Pai Celestial o ama a ponto de ter entregue seu Filho por você. Por favor, não jogue isto fora.

Nome omitido

Sei exatamente como você se sente. Eu já tive de enfrentar a mesma situação. Se um amigo lhe perguntar se gostaria de usar algum tipo de droga ou álcool, diga NÃO e afaste-se. Você será respeitado por sua força de vontade.

Simplesmente diga a si mesmo, desde já, que nunca usará drogas ou álcool. Sei que é duro dizer não, mas depois da primeira vez fica bem mais fácil. Boa sorte!

*Andy Johnson, 15
Hughson, Califórnia*



O principal é ficar com pessoas conhecidas e em quem confia, que não vão pressioná-lo a fazer coisas erradas. Drogas e álcool são realmente um problema. Escolha amigos mais seguros de si do que esses com tais problemas. O mais

importante, porém, é conhecer a si próprio. Eu não iria a um lugar onde não pudesse confiar em mim ou onde pudesse ser tentada a violar a Palavra de Sabedoria. Simplesmente não vale a pena.

Arranje amigos que o protejam das drogas e do álcool, e não o tentem a usá-los. Tenha personalidade. Defenda firmemente o que sabe ser o certo. Confie no Senhor. Não existe melhor amigo! E, se seus amigos forem realmente amigos, nem pensarão em pressioná-lo a fazer algo errado.

*Lisa M. Eyres, 16
Phelan, Califórnia*

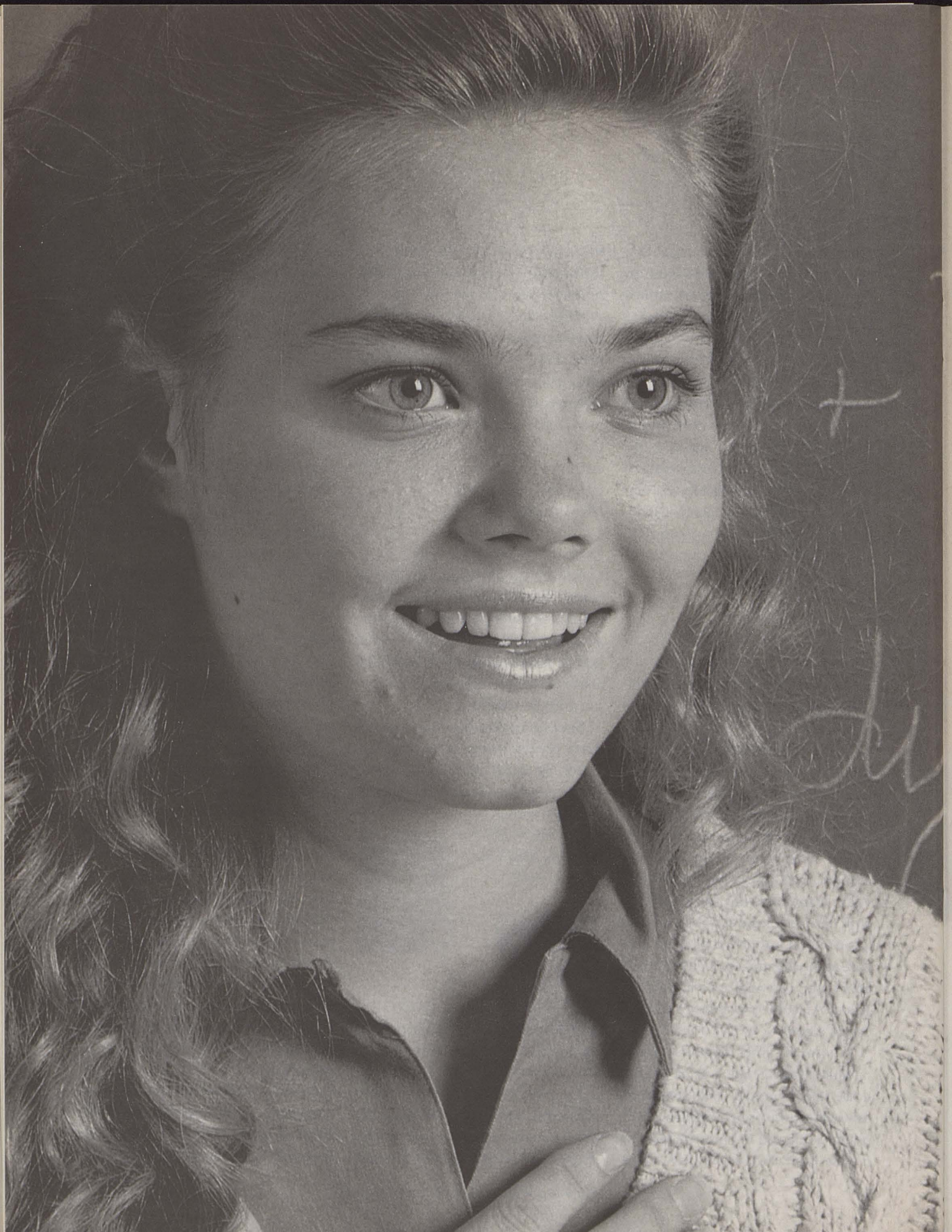


Sei como se sente. É muito assustador. Já me ofereceram álcool e drogas na escola. Mesmo sabendo o mal que elas podem fazer ao corpo, continuei pensando: "O que fazer? Sei que não é certo, mas quero continuar a ter amigos."

Estamos sendo provados. Orei e lembrei-me de Doutrina e Convênios 89:7: "E novamente, bebidas fortes não são para o ventre, mas para lavar os vossos corpos." Lembrei-me também da promessa do Senhor de não nos provar além de nossas forças.

Lembre-se, o Senhor o ama e não quer perdê-lo. Ele o ajudará.

*Benjamin Godfrey, 15
Rochester, Nova Hampshire*



FOTOGRAFIA DE PEGGY LUNGHUSEN

SABER NO CORAÇÃO

Shirley Pullen

A aula estava para começar e eu estava tão nervosa quanto um gato numa tempestade.

Depois da chamada, o primeiro discurso seria o de Kenneth. Isto me daria uns quinze ou vinte minutos de tempo. Por que tenho de fazer meu discurso hoje? pensei. Por que escolhi justamente Joseph Smith como meu “americano famoso”?

Quase todos na classe eram batistas, incluindo o professor. Eu era a única mórmon no grupo. Devia sentir-me muito corajosa no dia em que escolhi aquele tema.

Kenneth estava quase terminando. Ninguém fez perguntas sobre sua palestra a respeito do Presidente Dwight D. Eisenhower.

Era a minha vez.

“Meu ‘americano famoso’ é Joseph Smith”, comecei. “Ele nasceu em...” Meu discurso levou uns dez minutos — nada mau.

“Alguma pergunta?” indagou o professor.

O silêncio era tal que se podia ouvir um alfinete cair.

“Bem, eu tenho uma”, comentou o professor. “Qual é o nome da igreja iniciada por Joseph Smith?”

Eu sabia ter esquecido de alguma coisa muito importante. Respondi: “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, popularmente conhecida como os mórmons.”

Foi o início de uma série de perguntas: De onde vieram as placas de ouro? Quem foi Morôni? Como ele conseguiu as placas? E, naturalmente, a pergunta costumeira: E quanto à poligamia? A estas alturas eu já me sentia à vontade. Respondi todas as perguntas que podia e então um colega, ao qual serei eternamente grata, indagou: “Como você sabe que ela é verdadeira?”

A pergunta me emocionou. Pude sentir realmente o Espírito em meu coração e no ambiente. Olhando para meu interlocutor, disse: “Bill, alguma vez já teve tanta certeza de alguma coisa que, não importa o que outros possam dizer, você sabe que é verdade? Você sabe em seu íntimo e ninguém pode persuadi-lo do contrário?”

A classe silenciou. Nem o professor soube o que dizer.

Serei sempre grata ao Bill por ajudar-me a perceber que eu tenho um testemunho, e que não devo guardá-lo para mim.

Fiquei diante da classe respondendo a perguntas por mais de meia hora. Perdemos até parte do recreio. E senti-me radiante o resto do dia.

Esta experiência ajudou-me a perceber que as pessoas querem informar-se a respeito do evangelho. Entendi também que devo compartilhar meu conhecimento com os outros. □

A VIDA DE CRISTO

PINTURAS DE CARL HEINRICH BLOCH (1834-1890)

II PARTE

Na edição do mês passado demos início a este artigo de duas partes, sobre cenas da vida do Salvador, ilustradas pelo artista dinamarquês Carl Heinrich Bloch. Nesta segunda parte, reproduzimos mais uma seleção da obra de Bloch, e traçamos a vida desse talentoso artista.

As cenas retratadas são produto, naturalmente, da imaginação e talento de Bloch, filho de um mercador que, quando rapaz, foi preparado para ser tripulante de navio. No começo de sua adolescência, entretanto, começou a desenvolver-se o talento artístico de Carl, e em 1849, aos quinze anos, começou a freqüentar a Academia de Arte de Copenhague. Com vinte anos já expunha seu trabalho e aos vinte e cinco foi para Roma com uma bolsa de estudos, onde permaneceu até 1865.

Ali sofreu a influência dos mestres italianos e começou a dedicar-se à pintura de cenas de grandes eventos. Acabou concentrando seu interesse nos acontecimentos históricos da Dinamarca e histórias da Bíblia. Foi uma decisão que lhe daria grande renome na Dinamarca durante toda a sua carreira. Foi diretor da Real Academia de Arte, tendo sido homenageado por diversas nações pela sua obra.

Já no fim de seus estudos italianos — três anos antes de casar-se com uma bela jovem, Alma Trepka, com quem teve oito filhos — Carl Bloch, então com trinta e um anos, rece-

beu uma difícil incumbência. Devia pintar vinte e três novos quadros para o oratório reconstruído da igreja do Castelo Frederiksborg, destruído em 1859 por um incêndio. Bloch trabalhou nos quadros durante os quatorze anos seguintes. Para os conhecedores da arte dinamarquesa, o estilo de Carl nessa obra era tanto moderno como singular, e o cenário lembrava a vida como ele a vira na Itália.

Além desses vinte e três quadros sobre a vida de Cristo, Bloch pintou pelo menos mais oito grandes retábulos sobre a vida do Senhor, para outras igrejas dinamarquesas e suecas. Nas duas últimas décadas de sua carreira, ele cultivou a daguerreotípia e sua obra era tão requisitada que dois anos antes de sua morte, dizia um dinamarquês: "Bloch conquistou renome como um extraordinário pintor-gravador de seu tempo."

Para todos que amam Jesus Cristo, entretanto, é a arte do Salvador que mais apreciamos. Na obra de Carl Bloch vemos o espírito do que João, o Amado, dizia de Jesus:

"Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens;

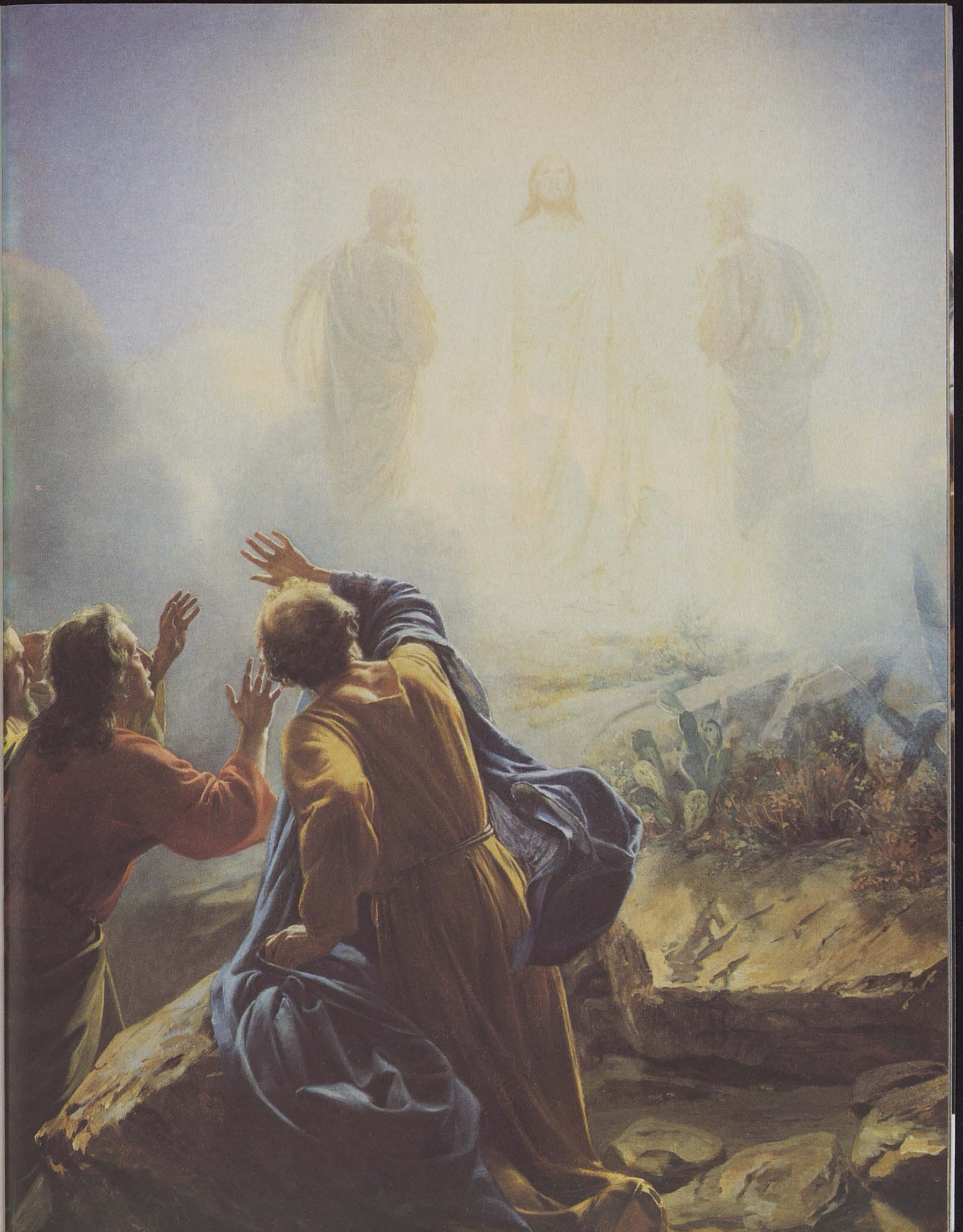
E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam...

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome." (João 1:4-5, 11-12.)

— Os Editores □

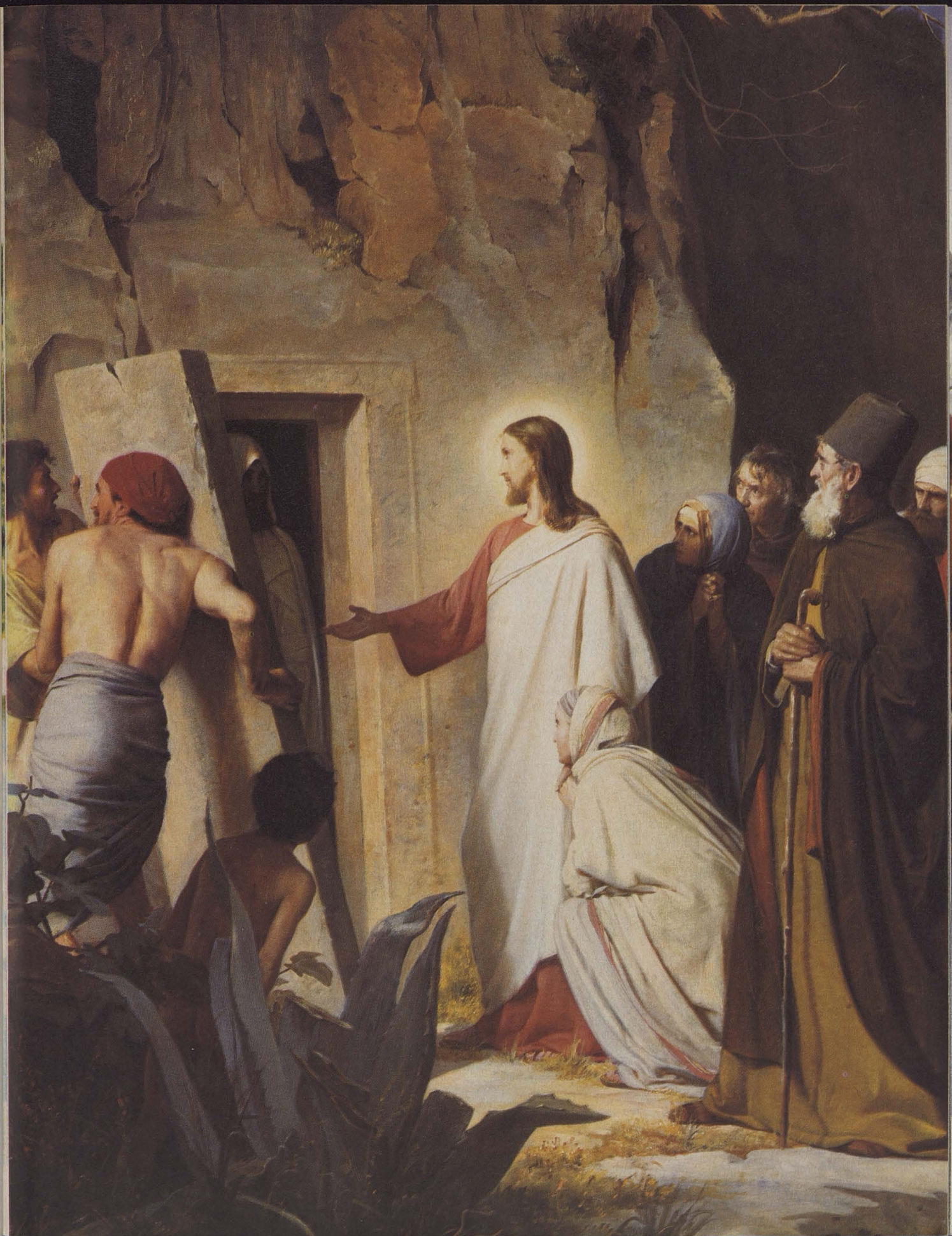
*"Jesus tomou consigo a Pedro, a Tiago, e a João, e os levou a sós, em particular, a um alto monte; e transfigurou-se diante deles... E apareceu-lhes Elias com Moisés, e falavam com Jesus."
(Marcos 9: 2, 4.)*





*“E... clamou com grande voz: Lázaro, sai para fora, E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas.”
(João 11:43-44.)*

*“E passando Jesus, viu um homem cego de nascença... e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé... Foi pois... e voltou vendo.”
(João 9:1, 6-7.)*





Trouxeram-lhe então alguns meninos... mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os meninos e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus. (Mateus 19:13-14.)



“E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus.” (Lucas 22:15-16.)



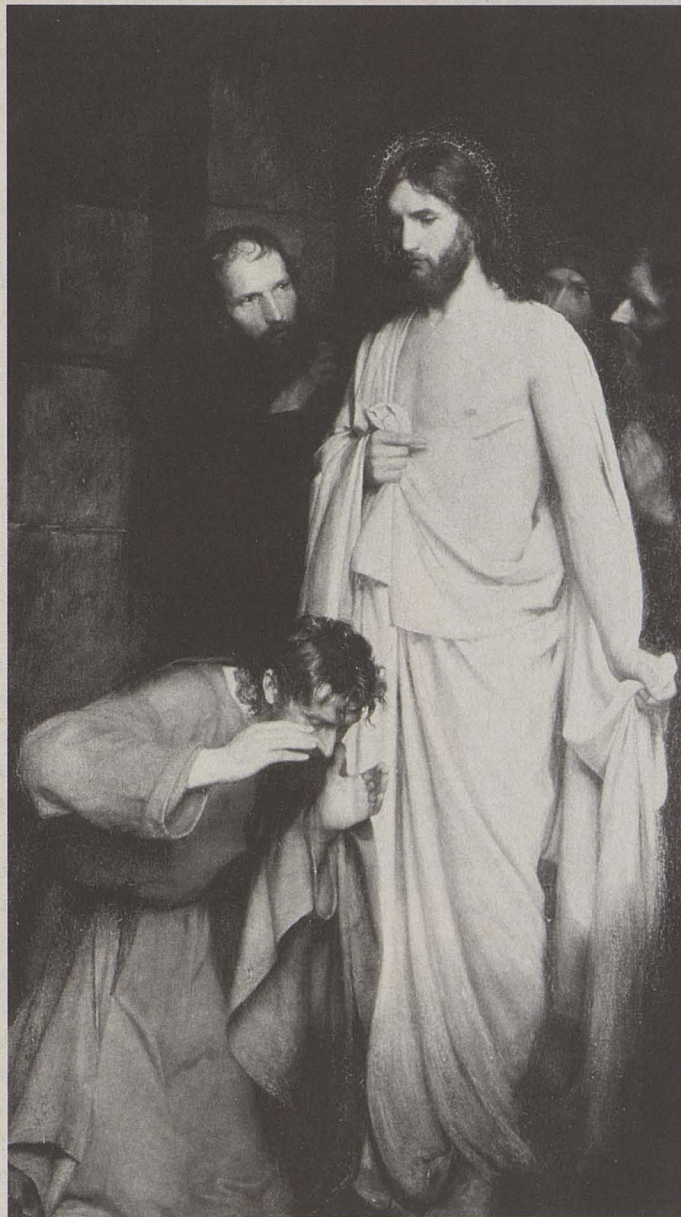
*“Sabendo Jesus que
já todas as coisas
estavam
terminadas... disse:
Está consumado. E,
inclinando a cabeça,
entregou o espírito.”
(João 19:28, 30.)*

*“E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se... como lhe
havia dito: Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes. E, saindo
para fora, Pedro chorou amargamente.” (Lucas 22:61-62.)*





“Tomaram pois o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis... E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e... um sepulcro novo em que ainda ninguém havia sido posto. Ali... puseram a Jesus.” (João 19:40-42.)



O INCRÉDULO TOMÉ / SUPER STOCK

“Depois disse a Tomé... vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu!” (João 20:27-28.)



A RECOMENDAÇÃO DO TEMPLO E M

Élder L. Tom Perry
Do Quorum dos Doze

Jamais me esquecerei da minha primeira entrevista para recomendação do templo, com o bispo, quando me preparava para ir ao templo fazer minha própria investidura. O bispo era meu pai. Todos os dias passávamos horas juntos e ele poderia ter-me entrevistado em casa, no celeiro, no campo, em nosso carro ou noutro lugar conveniente, mas ele queria que fosse uma ocasião especial, uma ocasião a ser lembrada.

Certo dia recebi um telefonema do escritório do bispo. Meu pai queria marcar uma hora para a entrevista de

DAÇÃO PARA O E MEU PAI

recomendação para o templo. Eu estranhei, pois nunca antes me chamara para marcar uma entrevista ou encontro comigo. Marcamos dia e hora para a reunião no escritório do bispo. Chegando lá, sua mesa estava completamente desocupada, o que era incomum, pois normalmente estava coberta de papéis e livros. Só as escrituras estavam em cima do tampo. Além de termos uma entrevista formal, meu pai queria que fosse uma experiência de aprendizagem.

Passando as escrituras para o meu lado da mesa, pediu-me que lesse: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não furtarás, nem cometerás adultério, nem matarás, nem farás coisa alguma semelhante. (D&C 59:6.) A última frase ficou gravada em minha mente.

Então falamos do que significa ser moralmente limpo. A conversa girou em torno principalmente da pureza de pensamento. Nossos pensamentos, dizia ele, geralmente

ILUSTRADO POR SCOTT SNOW



levam à ação. Se nossos pensamentos são limpos e puros, jamais cometeremos ações que nos impeçam de ter uma recomendação para o templo.

Em seguida ele leu: “E todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o seu umbigo e medulas para os seus ossos;

E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão.

E eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará. Amém.” (D&C 89:18-21.)

Com esta promessa em mente, discutimos o valor de conservar o corpo físico como um lar saudável e íntegro para nosso espírito eterno. O espírito do homem deve habitar o tabernáculo mais puro que conseguirmos edificar aqui na terra.

Depois meu pai me devolveu as escrituras para que eu lesse: “Eis que um registro deverá ser conservado entre vós; e nele serás chamado vidente, tradutor, profeta, apóstolo de Jesus Cristo, élder da Igreja pela vontade de Deus, o Pai, e pela graça do teu Senhor Jesus Cristo.

Sendo inspirado pelo Espírito Santo para lançar o seu alicerce e edificá-la à mais sagrada fé.

A igreja que foi organizada e estabelecida no ano de mil oitocentos e trinta do teu Senhor, no quarto mês, que é chamado abril, e no sexto dia do mês.

Portanto, no que concerne à igreja, deveis atender a todas as suas palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber, andando em toda santidade diante de mim.” (D&C 21:1-4.)

Falamos sobre a necessidade de honrar e apoiar o profeta. Temos a promessa de que o Senhor nunca

permitirá que o profeta nos transvie. Eis um fundamento seguro sobre o qual edificar nossa vida.

Em seguida meu pai leu: “Há uma lei, irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia.” (D&C 130:20-21.)

Conversamos sobre a importância da obediência à lei do Senhor, e do pagamento do dízimo e ofertas como uma prova de fé.

Finalmente, voltamos às escrituras e lemos: “O véu foi retirado de nossas mentes, e abertos os olhos do nosso entendimento.

Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob os seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

Seus olhos eram como labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais que o sol; e a sua voz como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia:

Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai.” (D&C 110:1-4.)

Falamos de nossa eterna esperança na expiação de nosso Senhor e Salvador, e quão necessário é que participemos das sagradas ordenanças para podermos receber o maior dom que ele nos pode dar, o dom de vida eterna, de vida com ele.

Meu pai preencheu o formulário de recomendação para o templo e fez-me assiná-la; depois apertou minha mão calorosamente, congratulando-me por ser digno de uma recomendação para o templo. Saí do escritório andando sobre nuvens, pois passara por uma das mais importantes provas de minha vida. Fora considerado digno de uma recomendação para o templo. Prometi a

mim mesmo que viveria sempre de modo a merecer essa recomendação.

Não penso jamais ter ficado tão impressionado com o significado de uma recomendação para o templo, como quando era presidente de estaca em Boston, Massachusetts. Tínhamos lá uma querida irmã, uma viúva, que vivia numa das partes mais pobres da cidade de Boston. Tinha dificuldades para sustentar-se, mas era uma pessoa independente e não queria ser um fardo para outros. Não tinha meios de mudar-se para um bairro melhor e, à medida que a vizinhança dela se deteriorava cada vez mais, passou a viver quase que como prisioneira em sua própria casa. Quando se aventurava a sair para fazer compras, encontrava na rua pessoas muito desagradáveis. Uma vez a derrubaram ao chão para lhe roubarem dinheiro.

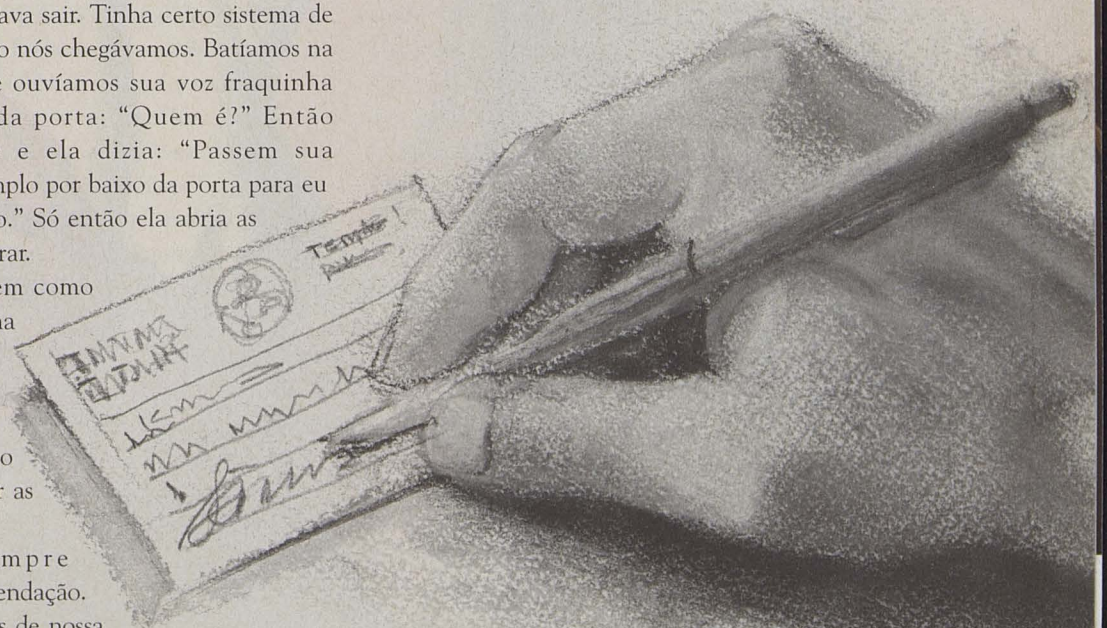
Assim, ela passou a depender da companhia do sacerdócio quando precisava sair. Tinha certo sistema de destrancar a porta quando nós chegávamos. Batíamos na porta do apartamento e ouvíamos sua voz fraquinha perguntando através da porta: “Quem é?” Então dávamos nosso nome e ela dizia: “Passem sua recomendação para o templo por baixo da porta para eu saber se são vocês mesmo.” Só então ela abria as trancas e nos deixava entrar.

Pensei muitas vezes em como aquilo era simbólico. Uma recomendação para o templo— um pedacinho de papel— representa nossa pessoa e reflete nosso merecimento para receber as bênçãos do templo.

Que sejamos sempre merecedores dessa recomendação. Seja este um dos objetivos de nossa

vida, de consistente e regularmente declararmos ao líder do sacerdócio nossa dignidade de portar esse sinal tangível de que o Senhor aprova nosso modo de vida e considera-nos merecedores de entrar no templo.

Aprendamos as doutrinas do Senhor. Vivamos com fiel apego aos princípios justos, que nos manterão dignos por toda a vida. É um teste para toda a vida. E se formos sempre dignos dessa recomendação e pudermos responder sinceramente às perguntas qualificadoras, estaremos a caminho do maior de todos os dons de Deus. Que o Senhor nos abençoe para que decidamos firmemente ser dignos de uma recomendação para o templo. Esta é a obra do Senhor. Ele vive. Deus é nosso Eterno Pai, e Jesus, o Salvador do mundo. Disto eu presto solene testemunho. □





R. McKay

DIZE-ME COM QUEM ANDAS...

Chris Crowe

Desculpem-me, rapazes”, disse uma voz sonora atrás de John e de mim, enquanto uma pesada mão nos caía sobre os ombros, “mas acredito que tenham algo que me pertence.”

Eu estava estupefato e não sabia o que falar, mas meu amigo John não.

“Ei, o que acha que está fazendo?” disse ele, livrando seu ombro e virando-se para o homem que nos abordara tão de chofre. “Não fizemos nada. Afinal, quem é o senhor?”

O rosto do homem ficou vermelho. “Sou o sr. Kennard, gerente da loja da qual acabam de sair. E vi você roubando aquelas barras de chocolate.”

Roubar? Barras de chocolate? Olhei para o John. Ele continuava de olhar firme enquanto argumentava.

“O que está querendo dizer? Eu acabei de comprar estas aqui.”

“Olhe aqui, rapaz, eu vi muito bem você apanhar os chocolates e metê-los no bolso. Depois fiquei observando você sair da loja sem pagar e encontrar-se com seu cúmplice aqui fora.”

“E você”, disse, olhando para mim, “é tão culpado quanto ele. Eu vi você aceitar um chocolate assim que ele saiu da loja. Ainda que não o roubasse pessoalmente, é tão culpado quanto ele por deixá-lo roubar e aceitar parte dele.”

Suas palavras me chocaram. “Espere um minuto. Eu não fiz nada.”

“Isto é o que seu amigo diz.”

“Verdade, eu não fiz nada. Não sabia que ele ia roubar alguma coisa.”

Expliquei ao sr. Kennard que John me dissera que tinha dinheiro e que eu esperasse por ele, enquanto ia comprar alguma coisa para comer.

O sr. Kennard não me acreditou. “Bem, não tenho o dia inteiro para ficar perdendo com adolescentes que furtam lojas. Como se chamam?”

Ele anotou nossos nomes e fez-nos entrar na loja, enquanto telefonava para nossos pais. Eu estava zangado por ter sido acusado injustamente de roubar e furioso com John por haver roubado e me metido nessa encrenca.

“Sinto muito”, murmurou John, enquanto estávamos sentados no escritório do sr. Kennard.

“Não tanto quanto eu.”

“Verdade, Chris, sinto muito. Não pensei que seria apanhado. Nunca fui apanhado antes.”

“Olhe, não quero falar no assunto. Esqueça, está bem?” Ficamos ali sentados em silêncio, até que nossos pais foram nos apanhar.

Quando meu pai e eu ficamos sozinhos no carro, contei-lhe a história toda.

Ele ouviu em silêncio, depois deu partida no carro. Ao nos afastarmos da loja ele disse: "Acredito em você, filho, mas não posso recriminar o sr. Kennard por não fazê-lo. Admita que parecia culpado. É um caso de culpa por associação. Já me ouviu dizer que será julgado pelas pessoas com quem anda, não é? Bem, hoje você deu a impressão de ser um ladrão de loja, por estar em companhia de um."

Nas semanas e anos que seguiram o referido incidente, pensei muito no que disse meu pai, sobre ser julgado segundo as pessoas com quem andamos. Ter amizade com o John não me fez bem algum, mas aprendi a importância de ter o tipo certo de amigos. Felizmente eu tinha muitos outros amigos, bons amigos, cuja convivência me beneficiou.

Dois de meus bons amigos eram Walt e Liz, e exerceram enorme influência sobre mim durante a escola secundária. Eu não era ainda membro da Igreja, mas era um atleta sério. E por levar a sério o esporte, eu não bebia, não fumava, nem usava drogas. Tampouco meus amigos, até o segundo ano do curso secundário. De repente, os companheiros com quem eu jogava basquete passaram a embebedar-se em festinhas nos fins de semana. Fui a algumas dessas festas, mas não gostei do que vi e deixei de andar com meus velhos amigos.

Foi então que realmente conheci Walt, meu amigo mórmon. Enquanto todos os outros andavam em festas, nós dois encontrávamos algo melhor para fazer. Walt tornou a coisa fácil para mim, porque não fumava nem bebia, e nunca fui pressionado nesse sentido.

Walt não blasfemava e me corrigia quando eu o fazia. Era bem educado (quase sempre) e quando estava com ele, sentia que devia portar-me um pouco melhor que de costume. Ele era um atleta compenetrado como eu, mas

estudava com a mesma seriedade com que treinava. Ele estudava com afinco e tirava boas notas (algo que comigo acontecia só ocasionalmente). Ser amigo de Walt não me tornou perfeito, mas ele me mostrou como eu poderia melhorar.

Naturalmente Walt me pressionava um pouquinho, de modo amigável, com respeito à sua igreja. "Chris", dizia ele, "você poderia ser mórmon — não bebe, não fuma nem usa drogas. De qualquer forma, você é praticamente um mórmon." Enquanto a amizade se tornava mais forte, conversávamos muito sobre a igreja dele e eu comecei a conhecer outros jovens SUD.

Um deles era a namorada de Walt, Liz, uma atraente e animada jovem mórmon de quem eu costumava caçar sem piedade. Liz era uma perfeita dama, e quando chegamos a nos conhecer melhor, sua boa influência começou a mudar-me. Deixei de usar palavras grosseiras e, o mais importante, passei a me interessar pela Igreja.

Sendo católico, não me era fácil a idéia de mudar de religião, mas bons amigos como o Walt e a Liz facilitaram minha pesquisa sobre a Igreja. Liz incentivou-me a buscar a verdade e a fazer o que é certo. E quando adquiri um testemunho, ela e Walt deram-me forças e coragem necessárias para concretizar minha decisão de batizar-me.

Sei que muito se fala dos malefícios da pressão dos companheiros, e com razão, mas quando me lembro dos bons amigos com quem convivi, eu diria que a pressão do grupo pode ser muito positiva. Meus amigos me ajudaram a tornar-me uma pessoa melhor do que teria sido sem eles. □

Professor assistente de inglês na Universidade Brigham Young Havai. O irmão Crowe serve como secretário-executivo na Estaca Havai Laie Norte.



ORIGINAL NA CAPELA DO CASTELO DE FREDERIKSBORG - DINAMARCA - USADO MEDIANTE PERMISSÃO DO MUSEU DE FREDERIKSBORG

"Sermão da Montanha" de Carl Heinrich Bloch

"E Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a sua boca, os ensinava." (Mateus 5:1-2)



No alto: Héctor Antonio e Benita Liberato, batizados em 1983, em Santo Domingo, representam os primeiros “pioneiros” da Igreja na República Dominicana. Embaixo: César Lozano, nascido em Cuba, e sua esposa, Lillian, afiliaram-se à Igreja em 1989 em Santiago, República Dominicana, porque os membros “eram tão bons uns para com os outros”. Vide “Santos da República Dominicana”, página 10.